

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**JOGOS INTERCULTURAIS INDÍGENAS COMO INSTRUMENTO DE
VALORIZAÇÃO CULTURAL: JUVENTUDE DA BARREIRA DA MISSÃO
REAFIRMANDO IDENTIDADES.**

IVANILDE SOUZA DE OLIVEIRA

**TEFÉ-AM
2022**

IVANILDE SOUZA DE OLIVEIRA

**JOGOS INTERCULTURAIS INDÍGENAS COMO INSTRUMENTO DE
VALORIZAÇÃO CULTURAL: JUVENTUDE DA BARREIRA DA MISSÃO
REAFIRMANDO IDENTIDADES.**

Monografia apresentada ao Centro de Estudos Superiores de Tefé CEST-UEA, como requisito para a obtenção do título de graduação no Curso de História.

Orientador (a): Prof. Dra. Cristiane da Silveira

TEFÉ-AM

2022

JOGOS INTERCULTURAIS INDÍGENAS COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL: JUVENTUDE DA BARREIRA DA MISSÃO REAFIRMANDO IDENTIDADES.

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciada em História da Universidade do Estado do Amazonas, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Professora Orientador Dra. Cristiane da Silveira

Professor Willian Funke

Professora Raiziana Mary de Oliveira

Tefé, Amazonas, 27 de outubro de 2022.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I.....	12
CONTEXTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE BARREIRA DA MISSÃO.....	12
1.1 A Formação da comunidade Barreira da Missão e Movimento Indígena.	12
1.2 Jogos Interculturais e a Juventude.....	22
CAPÍTULO II.....	28
JOGOS INDÍGENAS: (RE)SIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA E VALORIZAÇÃO DA CULTURA.	28
2.1 A imagem do indígena: resistir para existir.....	29
2.2 Narrativas dos jovens da Barreira sobre os Jogos Interculturais e (Re)Afirmação étnica.	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
Anexos.....	50
1. Entrevistas.....	51
2. Imagens.....	68

RESUMO

A proposta dessa monografia foi analisar os Jogos Interculturais Indígenas como um elemento nos processos de afirmação identitária e valorização da cultura indígena a partir das experiências dos jovens da Barreira da Missão Tefé/AM. Para isso nos utilizamos do método qualitativo, revisão bibliográfica, análise documental e como fonte as entrevistas orais com jovens moradores da Barreira. Utilizamos como principais teóricos Priscila Faulhaber, João Pacheco de Oliveira, Leila Mirtes Santos Magalhães Pinto, Stuart Hall, Kathryn Woodward, Michael Pollak, Karla Rossana Gomes Lôbo e Verônica Salgueiro do Nascimento. Como resultado constatamos que a realização dos Jogos Interculturais Indígenas na comunidade, contribui para que a juventude se identifique com a cultura indígena, que a maioria dos jovens se reconhecem como indígena, apesar de alguns não saberem justificar tal afirmativa, que os jogos foi uma das formas encontradas para inserir o jovem na prática para a valorização da cultura indígena e suas identidades, assim como tirá-los dos vícios que adentram a comunidade, incentivando a uma vida sustentável e saudável, que o evento é um dos caminhos para os tornar mais conscientes politicamente e ambientalmente, gerando consciência de sua própria humanidade.

Palavras-chave: Jogos Interculturais Indígenas, Afirmação Identitária, Valorização da Cultura Indígena, Barreira da Missão, Tefé/AM.

ABSTRACT

The purpose of this monograph was to analyze the Indigenous Intercultural Games as an element in the processes of identity affirmation and appreciation of indigenous culture from the experiences of young people from Barreira da Missão Tefé/AM. For this we used the qualitative method, literature review, document analysis and as a source oral interviews with young residents of Barreira. We used as main theorists Priscila Faulhaber, João Pacheco de Oliveira, Leila Mirtes Santos Magalhães Pinto, Stuart Hall, Kathryn Woodward, Michael Pollak, Karla Rossana Gomes Lôbo e Verônica Salgueiro do Nascimento. As a result, we found that the realization of the Indigenous Intercultural Games in the community, contributes to the youth to identify with the indigenous culture, that most young people recognize themselves as indigenous, although some do not know how to justify this statement, that the games were one of the ways found to insert young people into practice for the appreciation of indigenous culture and their identities, as well as to get them out of the vices that enter the community, encouraging a sustainable and healthy life, that the event is one of the ways to make them more aware politically and environmentally, generating awareness of their own humanity.

Keywords: Indigenous Intercultural Games, identity affirmation, valorization of indigenous culture, Barreira da Missão, Tefé/AM.

INTRODUÇÃO

O ambiente acadêmico tem sido um espaço de importância na propagação e produção de conhecimento científico. Foi esse espaço que me abriu oportunidades para conhecer um pouco mais sobre os povos indígenas. Com a experiência de estágio supervisionado na escola de ensino Básico Corinto Borges Farçanha, presenciei cenas de preconceito e desconsideração e desconhecimento dos jovens estudantes em relação aos indígenas existentes na região de Tefé.

Em 2020, pude participar do projeto de extensão intitulado “Ensino de história e cartilha artesanal: conhecimentos tradicionais do povo Mayoruna da Aldeia do Marajaí Alvarães/AM em perspectiva” que voltou-se para a terra indígena (TI) Barreira da Missão onde tive a oportunidade de realizar pesquisa e conversar com o antigo Tuxaua da comunidade, seu Manuel Ribeiro da Silva (72 anos), um homem preocupado com a manutenção e valorização da cultura indígena. No diálogo com seu Manuel, foi apontado o desconhecimento dos jovens moradores da comunidade no que se refere a história de luta por direitos conquistados pelos seus antecessores para que atualmente os mesmos usufríssem da liberdade e conquistas que hoje todos eles tem acesso.

No decorrer da pesquisa, presenciei os Jogos interculturais indígenas de 2020 e 2021, evento que chama atenção por envolver diversas pessoas de dentro e de fora da aldeia, inclusive a juventude, além disso, a realização é protagonizada pelos próprios indígenas e também apresenta seus diversos costumes ao público participante. Nesse sentido, me interessei em investigar por meio de suas narrativas como os jovens da Barreira da Missão praticam sua cultura, verificar se os Jogos Indígenas contribuem para a valorização e manutenção da mesma e analisar se o evento contribui para afirmação étnica.

Durante muitos anos as comunidades indígenas foram silenciadas na história e na sociedade brasileira. Atualmente, com a globalização e os variados meios de comunicação, o conhecimento sobre sua cultura e as tradições tem se tornado mais recorrente. Porém, a sociedade brasileira, em sua maioria, desconhece a diversidade de povos indígenas e línguas que coexistem no Brasil.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), a quantidade de indígenas na população brasileira tem um total de 896.917, em que 517.383, cerca de 57,7% moram em terras indígenas e 379.534, 42,3% moram fora dessas terras. Essa estatística ressalta que está incluído as pessoas residentes em terras indígenas que não se declaram como indígena no quesito cor ou raça, mas que se consideram indígenas de acordo com as suas tradições, costumes, culturas, antepassados, etc.

Fica ilustrado então, que existe um número expressivo de pessoas autodeclaradas indígenas no país, sendo a maioria morando em terras indígenas a minoria em terras não indígenas. Ainda segundo os dados do IBGE (2010) esta estatística é composta por um total de 305 etnias, com 188 línguas distintas, o que comprova essa diversidade existente dentro da sociedade brasileira e sua complexidade.

Com relação ao Amazonas, de acordo com os dados do Instituto Socioambiental - ISA (2016) possui uma população de 180 povos e 96 línguas distintas. Segundo Carioca, Rodrigues e Billacres (2022), no município de Tefé-AM local dessa pesquisa, atualmente consta um total de 1,054 indígenas, no qual 225 residem na zona urbana e 829 na zona rural, em que desse total, 764 moram na terra indígena das Barreiras das Missões.¹

A comunidade Barreira da Missão está localizada no município de Tefé, sendo seu acesso realizado por meio fluvial e terrestre. Sendo que meia hora para chegar por via fluvial, cerca de 1 hora indo de carro. Ela possui 1.772 hectares e 859 habitantes, sendo composta oficialmente por três etnias - Ticuna, Cambeba e Cocama - distribuídas em quatro aldeias vizinhas chamadas Barreira de Cima, Barreira do Meio, Betel e Barreira de Baixo (FIGUEIREDO, 2008).



Fonte dos dados: (IBGE, 2010). Org.RABELO, F.D.B. 2021.

De acordo com Faulhaber (1998) a região do Médio Solimões foi ocupada por povos indígenas que fugiam de uma cheia nos anos 1960, e instalaram-se próximo à cidade de Tefé em busca de melhores condições de vida. A autora também descreve como estavam organizados esses povos e a relação que tinham com a igreja, até então responsável pelo território no qual os indígenas eram peregrinos.

Na Barreira de Baixo, estava sediado um grupo de Cocamas vinculados à irmandade da cruz, um movimento religioso de inspiração messiânica com grande influência entre Ticunas e Cocamas do alto Solimões. Na Barreira do Meio estavam os

¹ Nas estatísticas demonstradas acima, está incluso não só pessoas que nasceram em uma família indígena ou que possuem traços indígenas, mas também pessoas que se identificam como indígenas com base em sua história de vida, costumes, meio social e sentimento de pertencimento.

Cambebas e Ticunas, que eram “crentes” pentecostais, e acima, no terreno contíguo à Missão vivem os católicos (FAULHABER, 1998, p. 36).

Conforme descrito a cima, é perceptível a presença dos indígenas, assim como sua diversidade étnica, organização, características e diferentes doutrinas religiosas, que demonstra a relação que tinham com os responsáveis pela terra nesse caso a Prelazia de Tefé desde os anos de 1960.

Apesar dessa diversidade, a predominância de transmissão nos meios de comunicação e, principalmente, nas escolas, é uma imagem estereotipada, distante e generalizada, que resulta muitas vezes em descaso e preconceito. Segundo essa imagem, para ser índio no Brasil tem que andar nu, não ter acesso a nenhuma tecnologia e viver numa maloca.

Conforme José Ribamar Bessa Freire (2016), um equívoco comum que ocorre no pensamento popular brasileiro é o que ele chama de culturas congeladas, onde o índio idealizado é aquele descrito na carta de Pero Vaz de Caminha e qualquer imagem contrária provoca estranhamento. Esse pensamento é consequência de estudos limitados ao passado, baseado em fontes produzidas nos séculos XVIII e XIX.

Segundo Pacheco (2004, p.15) “tais povos e culturas passam a ser descritos apenas pelo que foram (ou pelo que se supõe terem sido) há séculos, mas nada (ou muito pouco) se sabe sobre o que eles são hoje”. E isso nos leva a refletir em nosso presente e em nosso espaço de vivência, questões como: Como se dão os processos de reafirmação identitária? Investigar se a participação nos Jogos Interculturais Indígenas colaboram para a vivência e valorização da cultura indígena? Para responder tais indagações, ninguém melhor que eles, especificamente a juventude da comunidade Barreira da Missão – Tefé, AM.

Na região de Tefé, existe uma variedade de trabalhos² voltados para à temática indígena, no entanto, os habitantes da região, especificamente o público jovem no âmbito escolar, desconhece a presença e a diversidade dessas comunidades indígenas³, muito menos suas histórias de luta manifestada através do movimento social. Dentro das comunidades indígenas a realidade tende a ser semelhante (fato observado no decorrer dessa pesquisa de campo).

² No CEST-UEA já foram produzidas dissertações como a pesquisa de Magiles de Souza Macedo intitulado “Movimento, Educação escolar indígena e os processos de (re)afirmações dos Kambeba na região do médio Solimões-AM”; Thaila Bastos da Fonseca com as “Narrativas Amazônicas: Representações do Mito do Boto nas Narrativas dos Moradores Antigos da Comunidade da Missão Tefé-Amazonas”; Quezia Martins Chaves com “Olhares dos povos indígenas da Barreira da Missão: A história Oral na Autoconstrução do Sujeito Coletivo”; Francisca Cardoso da Silva “Da Afirmção Étnica à Luta Pela Garantia da Terra: A História de Luta do Povo Indígena Kokama, a Aldeia Porto Praia de Baixo, Município de Tefé – Amazonas, dentre outros.

³ Fato que foi possível observar na escola Corinto Borges Façanha, no decorrer do Estágio Supervisionado II, nas turmas do 6º e 9º Ano.

Mas esse panorama vem mudando ao longo dos anos, pois é possível observar debates e resultados desse conhecimento no meio social. Os Jogos Interculturais Indígenas que acontece todo ano desde 2018 no município de Tefé, é um exemplo disso, porque além de trazer entretenimento, transmitir seus conhecimentos e cultura, abre portas e consegue reunir uma variedade de pessoas de diferentes lugares dentro da comunidade indígena, além de unir e fortalecer as tradições.

Esse evento costuma ocorrer durante a semana dos povos indígenas, uma atividade que fortalece a cultura indígena. Em uma entrevista ao Portal Racismo Ambiental⁴ em 2019, coordenador do CIMI de Tefé Raimundo Freitas, diz que essa manifestação cultural que reúne diferentes etnias “mantém os povos firmes na luta e na resistência pela garantia de seus direitos históricos e constitucionais, principalmente ao direito Humano à vida, eles resistem aos ataques a sua existência por parte do atual governo”.

Dentre variadas formas de luta, os Jogos Interculturais Indígenas vêm ganhando destaque como instrumento de afirmação étnica, cultural e identitária, na busca por seus direitos e legitimação ideológica. De acordo com o idealizador do projeto⁵, organizado por professores e lideranças indígenas como Jukson Kambeba⁶ os “Jogos Interculturais Indígenas” na cidade de Tefé, tem a finalidade de promover a integração, valorizar e preservar as culturas dos povos indígenas. Assim como os jogos interculturais (Anexo 2), a Semana dos Povos Indígenas⁷ e o Festival Cultural (Anexo 2) são outros exemplos de atividades anuais abertas ao público que promovem debates e buscam valorizar e divulgar a cultura indígena.

⁴ APEL, Lígia. **Semana dos povos indígenas: Alto lá, essa Terra é Nossa**. Racismo Ambiental, 2019. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/04/17/semana-dos-povos-indigenas-alto-la-essa-terra-e-nossa/>. Acessado em: 10/08/2022.

⁵ A Prefeitura Municipal de Tefé por meio da Secretaria Municipal de Educação, juntamente com a organização das Coordenações de Educação Indígena e de Educação Física com apoio da Secretaria Municipal de Comunicação, Secretaria Municipal de Esporte, Juventude e Lazer, Fundação Nacional do Índio-FUNAI, Conselho Indigenista Missionário-CIMI, e também de gestores, de professores e das lideranças indígenas, realiza os Jogos Interculturais Indígenas. É importante lembrar que este projeto foi elaborado com a participação dos povos indígenas do município de Tefé desde de 2017, e a cada ano vem se reelaborando e encontrando outros mecanismos para atender as demandas dos povos.

⁶ Jukson Kambeba, 36 anos, natural de TEFÉ-AM, residente na terra indígena Barreira das Missões, indígena da etnia Cambeba, Professor, formado em educação escolar indígena com ênfase em matemática, física, química e biologia, pela Universidade Federal do Amazonas. Já professor, esteve como coordenador de educação escolar indígena- na secretaria municipal de educação esporte e Cultura, também foi do conselho de educação escolar indígena, em 2018 a 2022- a aldeia o escolheu para ser conselheiro local de saúde indígena (Grifo do autor).

⁷ A semana dos povos indígenas é uma atividade prevista no projeto “Garantindo a defesa de direitos e a cidadania dos povos indígenas do médio rio Solimões e afluentes”, realizado pela Caritas da Prelazia de Tefé e Conselho Indigenista Missionário (CIMI – Tefé), financiado pela União Europeia e CAFOD, Agência Católica para o desenvolvimento internacional.

Com apoio de instituições como as universidades, as associações governamentais, os projetos públicos, o serviço de assistência social⁸ e o forte desejo de serem ouvidos, os povos indígenas protagonizam exposições artesanais, seminários, oficinas de formação, dentre outros eventos que tem ganhado voz e repercutido em diferentes espaços, fazendo com que sua causa alcance os mais longínquos lugares, indo além de seus territórios.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo investigar o olhar dos jovens sobre suas identidades e cultura indígena expressada através dos Jogos Interculturais Indígenas na comunidade Barreira da Missão. Para alcançar esse objetivo, nos utilizamos do método qualitativo realizando entrevistas para a coleta dos dados, como também um levantamento bibliográfico em diálogo com autores que abordam essa temática.

Para isso, contamos com a colaboração de seu Manuel Ribeiro da Silva (72 anos, antigo tuxaua da Barreira de Cima), Jukson Kambeba (36 anos, professor da Barreira de Baixo), Marcelo Nascimento da Silva (24 anos, coordenador geral de todas as modalidades), e 08 jovens competidores dos jogos (2021-2022) residentes na Barreira da Missão, são eles em suas respectivas modalidades: Daniel de Souza Tinoco, 26 anos, Cocama (Arco e Flecha e Briga de galo), Joquias Marciel Cordeiro, 17 anos, Cocama (Salto à distância, corrida de 100 metros, Futebol e Cabo de Guerra), Letícia Monteiro Cordeiro, 15 anos, Cocama (Corrida de 50 metros, Futebol e arremesso de Lança), Rayson Nascimento Santos, 16 anos, Cocama (Corrida, Futebol, Cabo de Guerra e Queimada), Marcelo Nascimento da Silva, 24 anos, Cocama (Coordenador geral de todas as modalidades), Juliane Vale Ferreira, 18 anos, Cambeba (Índia mais Bela, Queimada, Casal Guerreiro e Cabo de Guerra), Wellington Bryan da Silva dos Santos, 14 anos, Cambeba (Futebol e Queimada) e Elkiane Ramos Medeiros, 16 anos, Cambeba (Zarabatana e Cabo de Guerra).

Assim, o trabalho se divide em dois capítulos. No primeiro capítulo que tem como título “*Contexto Histórico da Comunidade Barreira da Missão*”, buscamos mostrar o processo de formação da comunidade Barreira da Missão, começando pela ocupação dos povos Ticunas, Cambebas e Cocamas e o processo de demarcação conquistado através do Movimento Indígena. Em seguida colocamos em destaque a importância dos Jogos Interculturais Indígenas como

⁸Em uma matéria de 2019, consta que os Jogos Interculturais Indígenas foram realizados com a união de vários parceiros: Prefeitura de Tefé, através da Secretaria Municipal de Educação e as Coordenações de Educação Física e de Educação Escolar Indígena, gestores e professores das escolas indígenas, CIMI, tuxauas das comunidades presentes e comunitários em geral. Esse ‘ajuri’ de pessoas, organizações sociais e poder público na realização da Semana dos Povos Indígenas é a consolidação de uma Rede de Proteção aos Direitos Indígenas. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/04/27/jogos-interculturais-tefe-fortalecendo-a-cultura-indigena-na-regiao/>

instrumento de valorização da cultura e afirmação étnica dos jovens competidores no evento e moradores da comunidade da Barreira.

No segundo capítulo intitulado “*Valorização da Cultura Indígena e (Re)significação Identitária*” analisamos o processo de silenciamento das sociedades indígenas ao longo da história ao seu protagonismo. Em seguida refletimos sobre as narrativas dos jovens competidores dos jogos interculturais indígenas no que se refere a suas identidades e valorização cultural em suas vivências.

Percebemos, então, que após anos de luta e protagonismo indígena, vemos importantes ações contribuindo para o fim desse silenciamento, buscando a valorização e o respeito da diversidade étnico cultural. É relevante um interesse de inovação por parte dos educadores, de políticos e a da sociedade em geral, assim, tornando possível a desconstrução de muitos estereótipos impregnados na sociedade.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE BARREIRA DA MISSÃO

Neste capítulo pretendemos mostrar o processo de formação da comunidade Barreira da Missão, começando pela ocupação dos povos Ticunas, Cambebas e Cocamas e o processo de demarcação conquistado através do Movimento Indígena. Para isso abordamos o contexto da época, dialogando com autores que tratam da temática como Priscila Faulhaber, Eduardo Gomes da Silva Filho, Cleimison Fernandes Carioca e Eubia Andrea Rodrigues, como também dados obtidos por meio de entrevistas, evidenciando as características estruturais e culturais da comunidade. Em seguida colocamos em destaque a importância dos Jogos Interculturais Indígenas como instrumento de valorização da cultura e afirmação étnica dos jovens competidores no evento e moradores da comunidade da Barreira.

1.1 A Formação da comunidade Barreira da Missão e Movimento Indígena.

A comunidade indígena Barreira da Missão está localizada cerca de 30 km por estrada do município de Tefé-AM, na margem direita do rio do Paraná do Panamin, levando cerca de meia hora para se chegar por via fluvial, estando organizada conforme descrito anteriormente: Barreira de Cima, Barreira do Meio, Barreira de Baixo e Betel (FIGUEIREDO, 2008).



Fonte: Geographia Opportuno Tempore, Londrina, 2021.

Na imagem a cima é possível perceber a dimensão do território e a localização das quatro aldeias vizinhas. Estas estão posicionadas a margem do rio em uma região de terra firme e alta, uma barreira natural, onde as águas do rio não alcançam as casas em época de cheias. As casas são ordenadas em sequência, dando continuidade de uma comunidade a outra, pois a terra indígena Barreira da Missão é composta pelas quatro comunidades mencionadas acima.

De acordo com Carioca, Rodrigues e Billacres (2022) o nome do lugar tem suas origens registradas na Carta Régia de 1686, quando Portugal criou o Regimento das Missões, que cabia ao missionário administrar a região, organizando os índios, pelos descimentos, recrutação da

mão-de-obra, resgastes, guerras justas e todo o processo de missionação referente a esta localidade.

Ainda segundo os autores citando Queiroz (2015), em 1718 o missionário português Frei André da Costa veio para a Amazônia e transferiu o acampamento para uma outra aldeia, onde viviam os índios Tupebas, por esse motivo reformulou o nome do lugar para Missão de Santa Tereza D'Avila dos Tupebas. Raimundo Santos (2012) relata que em 1688 o representante dos interesses da Espanha na Amazônia, o padre Samuel Fritz, organizou as missões entre os povos indígenas na Amazônia, fundando uma aldeia a qual deu o nome de Missão de Santa Teresa D'Avila dos Axiuaris.

Considerando as informações acima, percebe-se que a ocupação da atual terra indígena (TI) Barreira da Missão está relacionada a missionação realizada por Portugal e Espanha na disputa por seus interesses na Amazônia. Percebemos também que de modo geral os conflitos na luta pela terra na região é histórica, vai além da colonização e sempre afetou os povos indígenas. Atualmente, a maioria dos indígenas ainda sofrem consequências desses conflitos de interesses, e na cidade de Tefé-AM, a realidade não tem sido diferente.

De acordo com Priscila Faulhaber (1998), a região do Médio Solimões foi ocupada por povos indígenas que fugiram de uma cheia nos anos 1960, e instalaram-se próximo a cidade de Tefé em busca de uma relação econômica rural com a cidade, e que também os Cocamas, Cambebas e Ticunas estavam organizados em aldeias vizinhas de diferentes costumes, de acordo com a necessidade de cada grupo, sendo a etnia e a religião fatores que influenciaram essa divisão.

Ainda segundo ela, esses povos tinham uma relação estreita com a igreja até então responsável pelo território no qual eram peregrinos, no entanto, conflitos internos eram recorrentes. Anos depois, esses povos permaneceram naquela localidade, formaram famílias, tiveram crescimento populacional, passaram a plantar, colher e pescar para o sustento de suas famílias. Isso gerou consequências causadas por disputas de interesses na região, considerando que:

Nesse período a prelatia de Tefé havia vendido um lote de terra à Empresa Amazonense de Dendê (EMADE), ameaçando a posição dos indígenas. Diante disso, alguns padres ligados ao Centro Indigenista Missionário (CIMI) deram apoio para que eles procurassem a FUNAI para pedir a demarcação da área como terra indígena. A solicitação foi feita em 1987, mas somente em 1991 a demarcação foi homologada (CARIOCA, RODRIGUES, 2021, p.89).

É evidente que a luta pela terra predominantemente está relacionada a imposição de forças externas capitalistas com interesses econômicos e políticos, o que conseqüentemente afeta o meio de vida das comunidades indígenas. A partir do momento que os indígenas se sentem ameaçados com a chegada da empresa de dendê devido a construção da estrada da EMADÉ, passam a lutar em busca de seu direito pelo território. E não foi de imediato que isso aconteceu, levou anos, tanto que existem 13 terras indígenas na região, porém somente 02 são demarcadas (Barreira da Missão e Porto Praia⁹).

Na essência de sua formação as comunidades indígenas que configuram a área chamada Barreira da Missão, está a mobilização de ribeirinhos que se apoiavam na agricultura e no extrativismo como forma de renda. Se autodeclaravam como produtores rurais, tendo no processo de comercialização seu ganho de vida, sendo a castanha a principal delas. No entanto isso fez com que estes continuassem submissos a burguesia local.

Sobre isso, Faulhaber (1998, p. 51) ressalta que esses sujeitos foram apoiados pela Igreja para “lutar pela autonomia econômica diante dos comerciantes, e a não aceitar mais a dependência pelos vínculos pessoais que constituem uma outra face da sujeição pela dívida aos “patrões”, os quais exercem influência sobre eles e se apropriam de parte de sua renda ao comercializar a sua produção”. Percebemos então uma menção desses indivíduos com relação a busca pela autonomia econômica, uma vez que eram explorados pelos patrões e comerciantes locais.

É importante ressaltar a conjuntura daquele momento. Nesse período o Brasil estava passando por um processo de mudanças política, econômica e social, e a Amazônia estava inserida nesse contexto e sofrendo os impactos dessas mudanças. A Ditadura Civil-Militar é relevante dentro deste cenário visto que:

Com o golpe civil-militar de 1964 a Amazônia brasileira foi posta na rota de exploração econômica gerada a partir de uma estratégia política de expansão da fronteira agropecuária, concessão de incentivos fiscais, construção de polos minerais e siderúrgicos, rodovias, hidrelétricas, além da exploração de madeiras. No entanto, as estratégias geopolíticas e a tentativa de dominação territorial, não levaram em consideração o modo de vida das sociedades tradicionais da Amazônia (SILVA, 2016, p. 137).

⁹ Está situada no município de Tefé – Amazonas, a 523 quilômetros de Manaus, à margem direita do rio Solimões. A TI reivindicada Porto Praia de Baixo fica a aproximadamente 1 hora e 50 minutos do município de Tefé, em transporte fluvial (barco tipo rabeta) ou em 45 minutos com um motor de potência 40hp. A Terra reivindicada tem uma comunidade com população de 380 pessoas, de acordo com o censo da comunidade em 2019. A aldeia é de uma população majoritariamente indígena que se afirmam etnicamente do povo Cocama (Cocama), sendo 76 famílias, a maioria são oriundas do Igarapé do Mirini, localidade que fica no município de Tefé, dentre estas uma família proveniente do município de Tonantins, outras do município de Juruá e Coari. A maioria dos moradores da comunidade tem vínculos familiares (laços de parentesco). (SILVA, 2019, p. 16).

Conforme descrito a cima, o cenário predominante do momento colocou a Amazônia como alvo de projetos políticos, foi ocupada e explorada por empresas que visavam lucro e crescimento econômico sem se importar com os habitantes da região, em especial os povos indígenas que foram vistos como um problema a ser resolvido.

Sendo assim, o processo de consolidação do Estado Nacional Brasileiro, criou estratégias para a integração¹⁰ dos povos originários, a urbanização propiciou a migração de pessoas e empresas para o Amazonas. Silva (2016, p. 149) relata que:

Nesse sentido, os povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e as demais sociedades tradicionais que habitavam a região amazônica se tornaram na ótica de militares, empreiteiros, posseiros, grileiros e madeireiros uma espécie de “obstáculo” a ser superado em prol do desenvolvimento a qualquer custo. No entanto, a ação meticulosa do Plano de Integração Nacional, não respeitou o direito de tais sociedades, invadindo terras e destruindo vidas em nome da soberania nacional.

Na fala acima, percebemos a presença de invasores insatisfeitos com os moradores da região amazônica, e tidos como um grande “problema” o Estado Nacional procurou meios de resolver. Assim foram criadas as políticas de integração nacional dos povos indígenas, uma forma romantizada de tirá-los do caminho rumo a “ordem e progresso”. Então criaram princípios para mistificar o lado heróico dos índios apagando sua identidade. Segundo Faulhaber, “a política de integração de fronteiras - estabelecida por Getúlio Vargas durante o Estado Novo - aglutinava os princípios da política indigenista, erigidos pelo positivismo militar com objetivo da “construção Nacional” (p.63).

Embora esse processo tenha contribuído para segregação e ocultamento de diversas culturas indígenas, no Amazonas em especial, a dinâmica na luta contra isso por parte desses elementos é perceptível, uma vez que, pode-se dizer que mediante as reivindicações ocuparam e conquistaram espaços antes inalcançáveis e que se tornaram seus por direito. É nesse processo, que se intensificou com o passar dos anos, que a organização do movimento indígenas em Tefé e a demarcação da terra da comunidade Barreira da Missão está inserida.

Com relação a sua formação, fazemos uso do relato de seu Manuel Ribeiro da Silva¹¹:

¹⁰ Uma dessas estratégias de integração dos povos indígenas foi a criação da Funai em 1967, fazendo com que os governantes alcançassem o objetivo de militarizar o indigenismo, tentando ter o controle de todas as variáveis da questão indígena. De acordo com Trindad (2019) deve-se levar em conta que os militares, desde a criação da Funai, estabeleceram uma intensa estratégia de propaganda integrada aos seus projetos econômicos e sociais nos interiores “vazios”, com uma estratégia que intencionalmente confundia integração com “desenvolvimento” e solidariedade humanista com favorecimento indiscriminado do interesse privado.

¹¹ Manuel Ribeiro da Silva, antigo Tuxaua Cocama, de 72 anos, morador da Barreira de Cima.

“Olha começou foi o seguinte, faltava mais gente aqui para, para me garantir a minha verdade verdadeira, palavra que eu tô falando né? Porque tem muitas vezes que a pessoa falando sozinho, ta falando aquilo que não sabe. E eu tô, querendo deixar minha lembrança, é, quem trouxe essa, essa palavra de segurança dos povos indígenas aqui no Município de Tefé, foi eu. Né, eu vim lá da minha aldeia lá de cima, vim para o Uarini, morei no Uarini, baixei pra cá, fui trabalhar pra transamazônica, voltei, ai que vim pra cá de novo. Em 80 e. 1980, né? 81 é.. 90.. 92.. a gente deu início aqui, pra pedir a demarcação dessa terra pra nós, como povos indígenas, e como foi? Nós se articulando, o meu sogro se articulou comigo, esse meu sogro era, esse que ta com a cara fechada aqui, e, proguntau, porque aqui na nossa barreira aqui, era, era as áreas dos padres, né?” (Manuel, 09/12/2021).

No relato de seu Manuel é possível perceber a organização da comunidade dos indígenas acerca da demarcação da terra a partir dos anos de 1980. Em sua fala, ele deixa claro que houve uma articulação entre parentes e vizinhos, pois é assim que as comunidades são construídas entre laços sanguíneos e afetivos. Pollack (1992) destaca esses três aspectos da memória que são: acontecimentos, personagens e lugares. Esses aspectos são visíveis nos relatos do seu Manuel, desse modo constrói-se aos poucos a história da formação da comunidade.

Por meio da fala acima, é possível perceber que a articulação para dá início ao processo de demarcação do território indígena Barreira da Missão, está dentro do contexto da Ditadura Civil-Militar, e durante o período mais frenético desse evento. Faulhaber (1998) em seus relatos explicita que a demarcação desse território foi pedido em 1987, contudo a terra só foi homologada em 1992, o que mostra a dificuldade encontrada de acordo o tal cenário, como também uma certa “coincidência”, já que a aprovação da Constituição de 1988¹² era recente, e a Ditadura estava em seus anos finais¹³.

Essa organização dos povos indígenas que é encontrada na fala do seu Manuel pode ser entendida como o fenômeno da etnogênese, que é trabalhada na Antropologia com o objetivo de entender esses ressurgimentos dos povos indígenas. Vaz (2010) para discutir sobre o fenômeno da etnogênese traz uma observação de Miguel A. Bartolomé a respeito:

[...] as etnogêneses referem-se ao dinamismo inerente aos agrupamentos étnicos, cujas lógicas sociais revelam uma plasticidade e uma capacidade adaptativa que nem sempre foram reconhecidas pela análise antropológica. [...] a etnogênese foi e é um processo histórico constante que reflete a dinâmica cultural e política das sociedades anteriores ou exteriores ao desenvolvimento dos Estados nacionais da atualidade. É o processo básico de configuração e estruturação da diversidade cultural humana. Suas raízes fundem-se nos milênios e projetam-se até o presente (BARATOLOMÉ *Apud* VAZ, 2010, p. 16).

¹²O Art. 231 da Constituição de 1988 diz que “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

¹³A ditadura Civil-Militar no Brasil foi o regime instaurado em 1964, perdurando até o ano de 1985, sob comando de sucessivos governos militares.

Desse modo, afirmamos que a organização da comunidade como indígena é fruto da etnogênese que floresce no Médio Solimões a partir da década de 80 (LIMA, 1999). Logo os relatos de seu Manuel vão ao encontro dos textos aqui apresentados, tecendo assim um saber entre as pesquisas bibliográficas e a metodologia oral.

Nesse processo, a instalação da empresa de Dendê e a pavimentação da estrada da EMADÉ foi um marco para a configuração da comunidade, uma vez que interferiu de maneira significativa na vida dos moradores da Barreira. Devido essas interferências os aspectos estruturais da comunidade se transformaram com o passar dos anos. As casas que costumavam ser cobertas com palhas passaram a ser cobertas com alumínio, eram em sua totalidade construídas com madeira e muitas passaram a ser de alvenaria, eram ordenadas por um caminho de terra que passou a ser pavimentado, o transporte principal eram pequenos barcos por via fluvial e passaram a ser carros e motocicletas por via terrestre.

De acordo com Carioca e Rodrigues (2021, p. 94):

Essas identidades desenvolvem-se de maneira distintas nas quatro comunidades indígenas conforme o avanço tecnológico, pode-se observar essas mudanças nas estruturas das casas do comunitários, no padrão de vida e no transporte, quando mais próxima ao centro da cidade ou da estrada mais influência ela tem do meio externo.

Como descrito acima, enxergamos diversificadas formas de desenvolvimento manifestada no panorama das comunidades que compõe a Barreira da Missão, assim como os fatores que as influenciam. Nesse sentido, percebe-se dois aspectos importantes. Primeiro, as quatro comunidades - Barreira de Cima, Barreira do Meio, Barreira de Baixo e Betel – possuem características próprias e se desenvolvem de forma distinta, ou seja, não são homogêneas. Dentre estas, notamos que tem comunidade asfaltada enquanto a comunidade vizinha mantém o trajeto no caminho de terra, casas de alvenaria, outras de madeira, escola no padrão urbano, outras específicas da cultura indígena, casas bem estruturadas mobilizadas com televisão e outros eletrônicos e casas simples decoradas com acessórios indígenas. Ou seja, na estrutura das comunidades existem indícios externos assim como internos a ela em suas especificidades.



Imagem 01. Rua não asfaltada na Comunidade Barreira de Cima.



Imagem 02. Casa metade Alvenaria e metade madeira, Comunidade Barreira do Meio.



Imagem 03. Casa de madeira simples na Comunidade Barreira de Baixo.



Imagem 04. Casa de alvenaria na Comunidade Barreira do Meio.

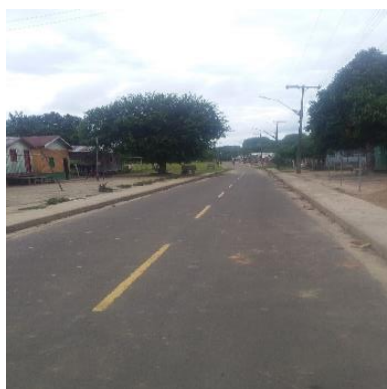


Imagem 05. Rua asfaltada na Comunidade Barreira do Meio.



Imagem 05. Casas em construção na Comunidade Betel.

Fotos: Arquivo pessoal da pesquisadora Ivanilde Souza de Oliveira, 2022.

Nas imagens acima identificamos a diferença na estrutura e organização da comunidade. Nas duas primeiras fotos é possível ver a falta de infraestrutura nas ruas, que se encontram sem asfaltamento e nas casas de madeira deterioradas da comunidade Barreira de Cima. Conforme seu Manuel Ribeiro, essa situação se deve a falta de cuidado e atenção das autoridades competentes em relação a comunidade, como a antiga administração do município de Tefé-AM.

A partir da terceira imagem apresentada, já é possível perceber ruas asfaltadas e casas bem estruturadas com concreto. Quanto a isso, seu Manuel relata que a preferência por casas assim, também se deve a escassez de matéria prima para a construção de casas no modelo tradicional (como a madeira e a palha), visto que o ambiente já foi muito explorado pelos

moradores em busca de benefícios próprios, quando o correto seria extrair apenas para sustento e beneficiamento de toda comunidade.

O segundo ponto a ser considerado, é o aspecto cultural das comunidades. Com influência do meio externo, muito se aderiu da urbanização, a língua predominante não é a de origem das etnias, a música é cantada em suas línguas mas possui uma mistura de ritmos de aspectos da cidade, a religião hegemônica é a cristã (católicos e protestantes), o comportamento e estrutura da comunidade assemelha-se ao da cidade. Porém, manteve-se viva suas raízes culturais, no sentido de praticarem seus costumes, suas línguas, seus ritos e tradições no momento e do jeito que acreditam ser melhor.

Esse processo demonstra e nos permite dizer que um não exclui o outro, antes se complementam, se ressignificam conforme suas necessidades. Macedo (2021,p.15) analisa que:

Esta concepção, que concebe os indígenas como populações dinâmicas e em constante mutação, contrapõe antigas visões, segundo as quais estes comporiam sociedades estáticas e isoladas, sem capacidade e estratégias para lidar com as transformações impostas pela dinâmica colonial. Ainda na perspectiva de Fontella (2020), foram as experiências prévias, adquiridas por meio da capacidade de lidar com as diversas transformações ambientais e sociais, que possibilitaram as populações indígenas desenvolverem mecanismos e estratégias para se adaptarem ao novo ordenamento social, imposto pelos novos atores coloniais.

Ou seja, toda sociedade é dinâmica, nenhuma sociedade vive estagnada e isolada, antes desenvolvem meios de se adaptar as mudanças à sua maneira. Essa ressignificação não é um fator negativo, pois em meio a tantas informações e modificações, é assim que as sociedades indígena reafirmam suas identidades, e a comunidade da Barreira também surge assim, se moldando e manifestando-se através do movimento indígena.

Falar da formação da comunidade Barreira da Missão é falar de movimento indígena, porque foi através dele que seus direitos foram legitimados. Considerando a fala de seu Manuel citada anteriormente, percebemos que as famílias que ali chegaram se organizaram para lutar por seus direitos no intuito de serem reconhecidos como uma comunidade indígena.

Faulhaber (1998) aponta que esse movimento revigorou o Médio Solimões na década de 1980, quando houve o primeiro encontro de Tuxauas¹⁴. Ressalta ainda que o que é nomeado no senso comum de movimento indígena é categorizado pelos indígenas de movimento dos índios que está ligado aos conflitos e lutas enfrentadas por eles. Porém, esse movimento já existia na região, pois os Miranhas estiveram a frente desse processo em meados de 1929, e

¹⁴ Realizado na semana do índio no ano de 1980, com a ajuda da pastoral indigenista da prelazia de Tefé que já contava com o apoio do CIMI.

foram os primeiros a serem reconhecidos como “organismo indigenista de Estado” resultando na delimitação de suas terras em 1930.

A partir de então, outras etnias passaram a se manifestar e se organizar politicamente, fazendo com que a força do movimento dos índios se tornasse mais pragmática. Entretanto, as dificuldades desse percurso são inerentes, uma vez que esse processo se dá dentro do contexto da Ditadura Civil-Militar nos anos de 1960, como apontado anteriormente, no qual a Amazônia sofre as consequências dos investimentos políticos para ocupar a região e integrá-la a nação. Os impactos causados pelas grandes obras, abertura de estradas como a Transamazônica, afetaram os povos indígenas, e consequentemente dificultaram suas lutas, mas sem tirar destes o sentimento de mobilização mais intensificada coletivamente na luta pelos seus direitos. As políticas de integração indígena ao longo desses anos, se intensificou na década de 1980 dando abertura para a concretização dos objetivos indígenas na luta pela terra.

Segundo Silva (2019, p.26) a estruturação das comunidades no Médio Solimões, foi possível graças as organizações que surgiram nesse contexto. A igreja organizou movimentos sociais como o MEB (Movimento de Educação e Base), CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), CPT (Comissão Pastoral da Terra) e CIMI (Conselho Indigenista Missionário).

Silva também ressalta a importância da UNI-Tefé que surgiu no auge do movimento indígena:

Com o apoio do CIMI, que já atuava na região por meio da Pastoral Indigenista da Prelazia de Tefé desde a década de 1970, o movimento indígena se fortalece com a criação da União das Nações Indígenas de Tefé (UNI-Tefé). Essa organização que nasce em meio ao processo de mobilização étnica e a organização de comunidades reivindicando o reconhecimento como aldeia indígena estavam ligadas à Coordenação de Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), que também foi formada em 1989 (FAULHABER, 1992, Apud SILVA, 2019, p.26).

Todas estas organizações impulsionaram o movimento indígena no Amazonas principalmente na região do médio solimões. Nesse contexto a região passava por uma reestruturação política, segundo Faulhaber “o movimento dos índios de Tefé, articulado com a construção de uma organização indígena a nível nacional, emerge no momento singular da redefinição do campo político regional” (1998, p. 45).

A princípio percebemos a luta pela terra como principal objetivo desses povos, entretanto, o que se vê posteriormente é a busca por uma atuação mais incisiva dentro dos canais políticos e institucionais. Os primeiros moradores da Barreira vivenciaram e participaram desse processo, conseguindo o reconhecimento e a autonomia da comunidade.

1.2 Jogos Interculturais e a Juventude.

Ao analisar os jogos interculturais, é importante esclarecer alguns conceitos para que se possa entender melhor a profundidade da temática. Sendo assim, colocamos o conceito de jogos presente no Relatório Técnico do LUDS (2017, p. 10):

Jogos são atividades sociais e culturais voluntárias, significativas, fortemente absorventes, não produtivas, que se utilizam de um mundo abstrato, com efeitos negociados no mundo real, e cujo desenvolvimento e resultado final é incerto, onde um ou mais jogadores, ou equipes de jogadores, modificam interativamente e de forma quantificável o estado de um sistema artificial, possivelmente em busca de objetivos conflitantes, por meio de decisões e ações, algumas com a capacidade de atrapalhar o adversário, sendo todo o processo regulado, orientado e limitado, por regras aceitas, e obtendo, com isso, uma recompensa psicológica, normalmente na forma de diversão, entretenimento, ou sensação de vitória sobre um adversário ou desafio.

Conforme a citação, entende-se o jogo como uma atividade competitiva, mediada por regras que proporciona diversão e entretenimento, mais que isso, é uma atividade opcional, coletiva capaz de envolver a sociedade e abranger o conhecimento cultural. Sendo assim, os Jogos Interculturais Indígenas se inserem nesse conceito.

Outo termo que precisa ser esclarecido, é a interculturalidade. Nos estudos que envolvem questões como formação, resgate e fortalecimento de identidades e culturas na sociedade, termos como interculturalidade se tornam relevantes, uma vez que estamos diante de um mundo que se expandiu geograficamente de forma significativa, em que podemos destacar como seus marcos, a tecnologia e a globalização. De acordo com Lisette Weissmann (2018, p. 21), esse processo nos leva para a “fantasia de vivermos em um mundo global estruturado como um todo, sem limites de fronteiras que diferenciem países, populações ou culturas”. Entretanto, não é bem assim, dado que nesse contexto, diversos são os espaços de contato entre várias culturas, e essa aproximação, nem sempre é amigável e cordial.

Assim, é possível perceber que esses processos de metamorfoses presentes no seio das comunidades mundiais, provocando uma oscilação ao modelo hegemônico de uma cultura Ocidental, até então predominante. Weissmann (2018) diz que a interculturalidade é o que permite melhor descrever o sujeito contemporâneo do século XXI. Desse modo, ao pensarmos

nesse conceito, precisamos entender que este se difere de multiculturalidade¹⁵ e transculturalidade¹⁶. Ou seja, a interculturalidade:

[...] representa um diálogo em imanência, em paridade, um diálogo de confiança, criando uma estética de muitas vozes que falam e conversam, se sucedem, se contradizem e, às vezes, também se interrompem. Esse diálogo tem que ser posto em prática, para ter as ideias encarnadas, fazendo-se presentes na pluralidade de pontos de vista, sem que nenhum prevaleça sobre o outro. Na visualização e enunciação das forças de poder se formam espaços para diferentes processos de subjetivação. A interculturalidade se separa da cultura hegemônica, na procura de diálogos ou gestos interculturais (MENDÉZ, 2013 Apud WIESSMANN, 2018, p. 27).

O ensejo acima, demonstra que a interculturalidade, ao conjecturar como fundamental a interação entre essas culturas, coloca um plano político que gere um diálogo entre elas, como forma de garantir uma real convivência pacífica, mesmo diante das diferenças. Ou seja, esse diálogo, faz com que haja entre as culturas uma posição de identificação intermediária, recíproca, de interação, alternando uma forma de estabelecer uma ligação, uma intermediação, um encontro, para formar uma rede na interculturalidade.

Nesse sentido, é evidente a importância da proposta da interculturalidade para a construir uma sociedade na qual as diferentes culturas venham conviver não apenas se tolerando, mas também interagindo e aprendendo umas com as outras. Também podemos salientar que é o dever do Estado de projetar políticas públicas para que essa meta possa ser alcançada, junto à sociedade. Assim, com relação aos Jogos Interculturais Indígenas, podemos perceber a existência desse diálogo entre as culturas, essa interação entre as etnias e a sociedade como um todo, dentro de um mesmo espaço, em que as subjetividades e diferenças, anunciam a união entre os povos indígenas, fazendo com que a ressignificação seja um marco dentro desse processo intercultural.

Os jogos indígenas é um evento recente no Brasil, pois sua primeira edição ocorreu em 1996 na cidade de Goiânia – GO idealizado pelos irmãos Terena (Carlos Justino Terena - líder do comitê intertribal e Mariano Marcos Terena - líder do memorial dos povos indígenas), que observaram as tradicionais reuniões políticas dos povos indígenas, onde as muitas etnias se juntavam para reivindicar seus direitos sempre em clima de tensão. A partir disso, tiveram a

15 A multiculturalidade implica um conjunto de culturas em contato, mas sem se misturar: trata-se de várias culturas no mesmo patamar.

16 As transculturalidade são aquelas realizadas em diferentes culturassobre um mesmo tema, no sentido de identificar as semelhanças e diferenças da questão pesquisada em relação a cada cultura

ideia de transformar esse ambiente mais alegre e interativo, um espaço de manifestações culturais atrativas por meio do esporte (PINTO, 2009).

Sendo assim, toda a organização desse evento foi de total responsabilidade dos próprios indígenas, representando uma forma de socialização de suas atividades com outras pessoas. Inicialmente foi promovido pelo Ministério Extraordinário de Esportes, que a partir de então, passou a selecionar anualmente uma das regiões brasileira para a realização do evento (ALMEIDA, COSTA, 2012).

Ainda conforme Almeida e Costa (2012), a primeira edição deste evento em 1996, contou com a participação de 29 etnias e cerca de 400 atletas segundo a FUNAI. Tentaram prosseguir em 1997, mas o evento teve que ser interrompido devido discordâncias nos critérios de escolha da próxima sede dos jogos. Já em 1998 não foi possível a realização devido a copa do mundo que aconteceria naquele mesmo ano. Sendo assim, a segunda edição só veio ocorrer em 1999 na cidade de Guairá – PR, com a participação de 25 etnias e 500 atletas.

A partir de então, os jogos dos povos indígenas vieram acontecendo, se modificando e se reelaborando com o passar dos anos. Nesse sentido, tomou proporções maiores em 2015, quando foi criada a primeira edição dos jogos mundiais dos povos indígenas (JMPI), com mais de 23 países participantes e 1,8 mil atletas de 24 etnias diferentes (ASCOM - Ministério do Esporte, 2015).

Em 2011 na cidade de Manaus – AM, foi realizado o primeiro Jogos interculturais indígenas contando com a participação de 450 indígenas de 17 grupos étnicos residentes das comunidades locais. O acontecimento visou fortalecer e promover interação da cultura indígena local. A diferença deste evento frente aos anteriores, é que este passou a acontecer anualmente em âmbito local, especificamente nas comunidades da região. Esta primeira edição aconteceu na comunidade Nossa Senhora do Livramento – Zona ribeirinha de Manaus, tendo em vista que na cidade esses grupos sentem-se limitados a exercer seus costumes tradicionais (SOUZA, SOARES, 2013), ou seja, não se sentem confortáveis em praticar atividades ancestrais em um meio de vivência que normalmente são julgados e vistos como diferente.

Em Tefé, os Jogos Interculturais Indígenas, foram pensados e executados pelos povos indígenas de Tefé no ano de 2018, e vem se reelaborando com o passar dos anos, com objetivo de fortalecer a cultura dos povos indígenas do município. Segundo o professor Jukson Kambeba, o evento anual acontece na Aldeia nova esperança Barreira de Baixo, por ser a única comunidade com estrutura para receber todos os participantes. O evento tem duração de 4 dias e cada povo tem o seu momento, o direito de mostrar sua dança, seu grafismo, sua veste, além de participar das modalidades que acontecem. Conforme o projeto “Jogos Interculturais

Indígenas” em Tefé, o evento teve início em 2018, entretanto, teve reconhecimento apenas em 2020 pela prefeitura da cidade e a Secretaria Municipal de Educação, partindo do esforço e interesse de lideranças, professores indígenas, organizações indígenas, indigenistas e simpatizantes da causa buscando:

Promover o esporte sócio educacional como identidade das culturas autóctones, voltado a promoção da cidadania indígena, á integração e aos valores originais, além de proporcionar o desenvolvimento de suas habilidades através de diversas modalidades esportivas, bem como, preservar e valorizar a cultura e os costumes tradicionais, procurando fortalecer a identidade cultural, celebrando o espírito de confraternização de uma forma digna e respeitosa.

Concluimos que os jogos interculturais indígenas em sua composição são mais que uma atração esportiva, pois contribui no processo de identidade, cidadania, integração, desenvolvimento, valorização e fortalecimento da cultura indígena. Isso vai ao encontro com o que Pinto (2009) diz:

O resgate, a valorização e a difusão da cultura indígena são elementos necessários à preservação dos conhecimentos e das manifestações culturais advindas das mais de 200 etnias que vivem nas diferentes regiões do nosso país. São valores, ritos cotidianos que se apresentam no universo cultural das sociedades indígenas e que se manifestam em suas danças, cantos, pinturas corporais e em seus jogos esportivos que valorizam o lúdico, o brincar e a expressão de sentimentos como a alegria, essenciais para a qualidade de vida do ser humano e sua convivência social.

Considerando que os Jogos interculturais indígenas, promovem esporte, modalidades de jogos tradicionais de sua cultura, danças tradicionais, músicas e rituais tradicional, exposição de seus artesanatos, diversão, interação, além de despertar o interesse e atrair pessoas, podemos afirmar que ele é um instrumento de manifestação cultural eficaz na busca pelo resgate, valorização e difusão da cultura indígena.

Nesse sentido, o esporte é a ponte que possibilita uma interação entre culturas onde os próprios indígenas são os protagonistas e a sociedade não indígena é a espectadora. Além de promover conhecimento, os Jogos Interculturais Indígenas possibilitam oportunidade de possíveis mudanças no combate ao preconceito, pois o protagonismo do indígena e a prática constante de seus costumes em interação com os “não indígenas”, possibilita uma transformação do exótico ao comum, do tolerado ao aceitado, do desconsiderado ao respeitado.

Os jogos interculturais indígenas possuem uma importância que ultrapassa restrições locais, e está fundamentado na constituição federal de 1988, que declara o esporte e suas manifestações como um direito de todo cidadão brasileiro. Corroborando com isso, o artigo 31 da Declaração das Nações Unidas sobre o direito dos povos indígenas diz que:

Artigo 31

1. Os povos indígenas têm o direito de manter, controlar, proteger e desenvolver seu patrimônio cultural, seus conhecimentos tradicionais, suas expressões culturais tradicionais e as manifestações de suas ciências, tecnologias e culturas, compreendidos os recursos humanos e genéticos, as sementes, os medicamentos, o conhecimento das propriedades da fauna e da flora, as tradições orais, as literaturas, os desenhos, os esportes e jogos tradicionais e as artes visuais e interpretativas. Também têm o direito de manter, controlar, proteger e desenvolver sua propriedade intelectual sobre o mencionado patrimônio cultural, seus conhecimentos tradicionais e suas expressões culturais tradicionais (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2008, p. 16).

Dessa forma, percebemos um esforço em assegurar o que é de direito dos povos indígenas. Esses direitos passam a ser exercido e protagonizado pelo próprio indígena, deste modo eles o mantêm e expressam ao longo dos anos de diferentes formas, dentre estas, os jogos interculturais é uma forma de expressar a cultura e o conhecimento que não fica restrito as aldeias, a uma cidade, um estado e até mesmo um país, mas abrange dimensões internacionais. Essas iniciativas junto a estes documentos respaldados em lei, unem forças e destacam as comunidades e culturas tradicionais indígenas no respeito às suas singularidades.

Segundo Camargo, Ferreira e Simson (2010), dentre os objetivos dos jogos interculturais, está o interesse em despertar nos jovens indígenas o reconhecimento de seus valores, além de promover interação entre as sociedades indígenas e não indígenas, fortalecendo suas identidades.

É sabido que a juventude é parte importante de qualquer sociedade, e que dentro da diversidade cultural indígena é muito importante a transmissão dos conhecimentos tradicionais ao público jovem, pois representam a geração futura. Motivo de preocupação para os mais velhos, pois se trata de uma grande responsabilidade. Por isso, são desenvolvidos mecanismos ao longo dos anos para que essa manifestação cultural seja cumprida com êxito. Assim, a juventude assimila conhecimentos que se somam ao seu cotidiano e moldam a pessoa que ele é, identificando o seu papel dentro daquela sociedade. De acordo com Lôbo e Nascimento (2012, p. 15), essa “tomada de consciência” é necessária na formação identitária:

Além da tomada de consciência dos jovens como atores sociais, dar espaço para que o mesmo se desenvolva percebendo como sua história pessoal, familiar e social auxilia na sua construção identitária, mas principalmente, como suas representações instituídas a partir de sua percepção de si e do mundo, podem proporcioná-los vivências e toda uma transformação de uma geração de cidadãos com o sentimento de respeito à diversidade, solidariedade, justiça social e inclusão socioeconômica e

política, intervindo na solução dos problemas sociais, na perspectiva de reconhecer-se pertencente e fazedor de sua própria história.

Entender o processo de construção identitária, é ver na juventude o pragmatismo que tanto buscamos no sentido do nosso dever de cidadão dentro da sociedade, em que possamos por meio do fortalecimento da consciência como agentes sociais, desenvolver e perceber a possibilidade da transformação de que essa sociedade tanto almeja, tendo suas bases no respeito à toda diversidade que forma um todo. Dando espaço para isso, percebemos o papel primordial da juventude que pode entender-se como construtora de sua própria história, a partir da construção de identidade, que reflete na sua visão de mundo, como de si mesma.

Nas sociedades indígenas o conhecimento tradicional é transmitido para a juventude indígena, que assimila o aprendizado produzindo novos significados, ou seja, o conhecimento não se repete, e sim transforma-se numa coisa nova. As modalidades que fazem parte dos jogos são exemplo disso, pois nelas estão presentes atividades multiculturais: futebol de campo, arco e flecha, corrida 100m, cabo de guerra, subida no açáí, arremesso de lança, corrida de tora e arremesso de ouriço, salto à distância, voleibol e danças.

Algumas dessas modalidades remontam os jogos olímpicos praticado na Grécia antiga, outras são naturais de determinadas localidades, outras são brincadeiras, outras são atividades de seu cotidiano são transformadas em modalidade, e toda essa diversidade é executada como uma forma única, interpretada e caracterizada de acordo com a cultura de cada povo.

Os jovens da Comunidade da Barreira têm se mobilizado cada vez mais nos últimos anos, exemplo disso, foi o 1º Encontro de Juventude Indígena de Tefé que aconteceu nos dias 07, 08 e 09 de outubro de 2022. O evento foi na Aldeia Betel (TI Barreira da Missão) e trouxe como tema “Juventude Indígena: Protagonizando suas lutas e fortalecendo sua organização na defesa da vida e de seus territórios”.¹⁷



¹⁷ Disponível em: <https://cimi.org.br/2022/10i-encontro-de-juventude-indigena-de-tefe/> Acessado em 13/10/2022

1º Encontro de Juventude Indígena de Tefé, Aldeia Betel (TI Barreira da Missão), arquivo do Facebook da Prelazia de Tefé, 2022. Disponível em:
https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02G8DEknWwc413NmcbDGQXBWoerDbvXP23SVEwBflsZzMprZCR4vAXCe8W7kC6A3C5L&id=112191403552052&sfnsn-wiwpwa

Nesse primeiro encontro, os jovens tiveram a oportunidade não só de se expressar como também ouvir os mais velhos, possibilitando assim conhecimento, participação e interação. Segundo o Missionário Indigenista do CIMI da Prelazia de Tefé – Realizadores do evento - Fábio Pereira:

O encontro de juventude tem o objetivo de discutir sobre o protagonismo da juventude indígena na dinâmica de seus territórios, provocando um espaço de partilha dos desafios, dificuldades, expectativas, sonhos, experiências de organização juvenil locais, articulações, participação em espaços dentro e fora de suas comunidades, além de proporcionar entre jovens e lideranças comunitárias, maior entendimento sobre a temática, visando contribuir para a participação efetiva da juventude nos espaços de proposição, implementação e decisões de Políticas Públicas e fortalecimento organizacional, e é idealizado pela equipe do Conselho Indigenista Missionário/CIMI Regional Norte 1 (AM/RR) na Prelazia de Tefé, com o apoio institucional da Agencia Católica para o Desenvolvimento no Exterior (CAFOD) (Página do Facebook da Prelazia de Tefé).

É perceptível a preocupação em promover a participação da juventude, de inseri-los nos espaços de tomada de decisões influentes em relação aos interesses das comunidades indígenas. Propiciar conhecimento e interação é a iniciativa essencial para que tais objetivos sejam alcançados e os jogos interculturais indígenas é uma forma atrativa de transmitir e manter os conhecimentos tradicionais aos demais, é a oportunidade para que os jovens também participem expressando orgulhosamente quem eles são, despertando-os para importância de seus valores e afirmando sua essência identitária.

CAPÍTULO II

JOGOS INDÍGENAS: (RE)SIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA E VALORIZAÇÃO DA CULTURA.

O objetivo deste capítulo é analisar importância e a relação dos jovens indígenas da Barreira da Missão e os Jogos Interculturais Indígenas de Tefé-AM, será analisado o processo

que vai do silenciamento das sociedades indígenas ao longo da história à busca do seu protagonismo. Em seguida refletimos sobre as narrativas dos jovens competidores dos jogos interculturais indígenas no que se refere às suas identidades e à valorização cultural em suas vivências. Para isso, nos utilizamos de entrevistas realizadas com os jovens.

2.1 A imagem do indígena: resistir para existir.

Os jogos interculturais indígenas que acontecem anualmente na semana dos povos indígenas dentro da aldeia Barreira da Missão é um evento que nos leva a refletir sobre as políticas públicas, protagonizadas pelos sujeitos indígenas para vivenciar sua reafirmação identitária e valorizar a cultura indígena, silenciada pelos brancos. Os jogos indígenas tornaram-se um instrumento de reconhecimento e a luta contra a discriminação que os povos indígenas vêm enfrentando ao longo da história.

Durante muitos anos a história dos povos indígenas foi contada pela perspectiva dos colonizadores portugueses, levando em consideração o primeiro contato com os europeus até a constituição de 1988, foram quase quinhentos anos marcados negativamente pela invasão europeia. Desde o primeiro contato com os não indígenas, as sociedades indígenas foram escravizadas, catequizadas, violentadas e exterminadas, tendo que lutar pra sobreviver. Isso não significa que após a constituição os indígenas deixaram de sofrer tais atrocidades, contrário a isso, procuraram formas de resistir para existir.

Ao longo desse processo, o indígena foi representado de várias formas pelos não indígenas. Segundo Hall (2009), entendemos que as representações como um seguimento das diversas etapas desenvolvidas por determinada cultura, são produzidas ao longo do tempo para dar significados ao mundo cultural e social de vivência, sendo expressadas através da linguagem.

Assim, “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior” (HALL, 1997, Apud Woodward, 2014, p. 7). Nesse sentido, as representações expressadas numa única palavra “índio”, foi utilizado pelos não indígenas para classificar os habitantes do novo mundo. Albuquerque (2012, p.2) diz que essa denominação “se deve ao erro náutico do navegador Cristóvão Colombo, que pretendendo chegar às Índias, acabou por alcançar o continente americano em 1492, como resultado de forte tempestade que castigou sua frota, deixando os navios à deriva”.

A palavra “índio” carrega uma série de estigmas que lembram as marcas de um passado sombrio. Quanto a isso, Daniel Mundurucu diz que:

A palavra “índio” é uma ficção que foi introjetada na mente dos brasileiros pelo sistema oficial de ensino. É uma palavra que não diz quem somos, mas o que as pessoas acham que somos. Costumam nos chamar de preguiçosos, selvagens, atrasados e inúteis. Todos esses adjetivos estão dentro da palavra ‘índio’. Ela nega o que somos porque assim aprendemos. Para que novos significados façam parte de nosso repertório, é necessário criarmos consciência do que os povos indígenas são, de verdade. Isso só é possível se abandonarmos o uso desta palavra como identificação e assumirmos que ela é, na verdade, negação. Não celebrar o dia 19 é, portanto, um ato de resistência contra a barbárie que nossos povos vivem (Disponível em: <http://obind.eco.br/2021/04/18/folha-de-sao-paulo-daniel-mundurucu-diz-que-a-palavra-indio-nega-quem-eles-sao-de-verdade/>).

O autor destaca o sistema de ensino como principal responsável em transmitir todo o estereótipo que carrega a palavra índio. Também demonstra que essa forma de nominar o indígena não traz a dimensão de suas identidades e culturas. Neste contexto se faz necessário compreender o indígena, quem ele realmente é, ao invés de aceitar o que outros dizem que eles são. Nesse sentido, orgulhar-se da história silenciada ao longo dos séculos e das identificações projetada por “outros” não é o caminho a se seguir. Nosso intento é trazer espaços para que a fala dos indígenas sejam registradas e valorizadas, problematizando o protagonismo dos indígenas quando ele se posiciona, buscando resgatar a sua identidade e mesmo a história povos indígenas.

Os indígenas inicialmente foram representados pelos naturalistas como descrito na carta de Pero Vaz de Caminha, inocentes, ingênuos, semelhante a Adão no paraíso. Manuela Carneiro da Cunha (2012, p. 8) diz que “deste paraíso assim descoberto, os portugueses eram o novo Adão. A cada lugar conferiram um nome [...]. De certa maneira, dessa forma, o Brasil foi simbolicamente criado”.

Em seguida foram representados na Europa durante os séculos XV e XVI, conforme colocado por Pacheco (2006), em duas visões distintas: como seres inferiores que se comportavam como selvagens, porém, sendo perfeitamente capazes de aprender os princípios cristãos, e outra como animais, sem alma e incapazes de se tornarem cristãos, portanto poderiam ser mortos ou escravizados. Quanto à última, resultou num processo de construção de representação dos indígenas como preguiçosos, bárbaros e selvagens, sem potencial para aprender os preceitos cristãos e serem salvos. E aqui se fundamenta a justificativa para as “guerras justas”, escravização e morte dos indígenas.

Pacheco também chama atenção para os responsáveis por reproduzir esse imaginário:

Coube a missionários religiosos, viajantes e nobres portugueses, franceses e holandeses, que circularam pelo Brasil ou aqui se instalaram, atuarem como cronistas da vida no novo mundo. Os seus relatos foram ilustrados por diversos artistas que divulgaram imagens marcantes para o imaginário europeu (PACHECO, 2006, p. 27).

Isso corrobora com o argumento de Hall (2009), quando afirma que a representação de modo geral é símbolo que classifica as relações que temos com o mundo a nossa volta e interior, ou seja, a reprodução da imagem que se fez dos chamados índios e do mundo novo que se apresentava para os não indígenas, foi um movimento que colaborou para que os brancos se impusessem como cultura superior.

Ao longo dos anos os povos indígenas desenvolveram diferentes formas de resistência, e aceitar as imposições colonizadoras foi uma delas para sobreviverem as medidas criadas na tentativa de extinguir sua identidade e a sua cultura. Classificá-los como caboclos foi uma das estratégias tomadas no século XIX para tal objetivo, conforme colocado por Castro (2013, p. 432) “há uma forte caracterização segregatória e discriminatória nesse conceito, que se reflete no discurso e nas políticas correspondentes a como, historicamente, minorias étnicas têm sido representadas pelo campo de poder dominante”.

Outra estratégia tomada foram as políticas integracionistas, em que “o Brasil se constituiu aplicando uma política de subordinação e subjugação dos povos indígenas que pode ser entendida como uma política de retirada da autonomia e de marginalização, cujo objetivo foi assimilar esse grupo com base em uma inferioridade presumida” (RESENDE, 2014, p. 17). Isso demonstra que diversas formas de opressão foram desenvolvidas ao longo do tempo com objetivo de silenciar a cultura dos povos indígenas em benefício de grupos políticos, causando uma certa confusão e perda de identidade.

Consoante a isso, Kauê Guajajara¹⁸ em um dos versos de sua canção de protesto intitulada “Mãos Vermelhas”¹⁹ diz que “legalizaram o genocídio, chamaram de pardos pra embranquecer, enfraquecer e desestruturar você pra não saber de onde veio”. A cantora ativista denuncia a flexibilização de leis que permitem o avanço de medidas governamentais que desconsideram o bem viver dos povos indígenas, assim como as medidas para “civilizar”, integrar e conseqüentemente apagar a identidade dos mesmos.

¹⁸ Kaê (Mirinzal, Maranhão) indígena do povo Guajajara, cantora, compositora, atriz, autora e ativista indígena brasileira, é fundadora do Coletivo Azuruhu e autora do livro *Descomplicando com Kaê Guajajara – O que você precisa saber sobre os povos originários e como ajudar na luta antirracista*. Fundou um grupo de rap "Crônicas", que denunciava nas letras as violências vividas na comunidade. Ao seguir carreira solo, pensou em fugir das questões indígenas em seu trabalho, mas logo percebeu que sua arte poderia fazer alguma diferença

¹⁹ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/kae-guajajara/maos-vermelhas/> Acessado em: 17/10/2022.

Destacamos então a ideia de mistura que “está presente também entre os próprios índios, sendo acionada muitas vezes para reforçar clivagens faccionais” (PACHECO, 2004, p.28). Ou seja, a ideia de mistura resulta do fragmento que se dá desses povos, reforça o objetivo que se tinha do ocultamento da cultura e da identidade indígena, fazendo com que ocorra até mesmo uma confusão entre eles, no sentido de identificação, seja como indígena, pardo, negro, caboclo, ribeirinho, dentre outros. O silenciamento histórico sobre a existência dos povos indígenas passou a ser superado a partir da constituição de 1988.

Os vários povos indígenas existentes no Brasil são caracterizados por suas diferenças, cada povo possui sua língua, seus costumes, suas religiões, suas tradições. Compreendem que para poder continuar a existir se faz necessário que se unam. Foi a partir da união e articulação das etnias que o movimento indígena ganhou força no Médio Solimões na década de 1990, passando a protagonizar suas histórias.

Nesse sentido, cabe destacar o que Vaz fala sobre o processo de etnogênese, que nos leva a perceber que a dinâmica de adaptação constante das diferentes etnias, mudanças que perpassam nosso conhecimento, ou seja, esse processo de etnogênese sempre ocorreu e continuará ocorrendo entre os povos indígenas, ela é dinâmica, se restaura, se transforma, não deixa de acontecer, pois foram e são construídas ao longo dos anos, constituindo sua atual existência. O processo de etnogênese pode ser observado nas comunidades indígenas de Tefé quando os mesmos se reúnem, compartilham conhecimento, vivenciam aspectos de suas manifestações culturais e se unem para lutar por seus interesses. Essas manifestações elaboradas pelos mesmos é o que os tornam protagonistas, mantém sua vida e sua cultura viva, reafirmando suas identidades.

De acordo com Lima (2012, p. 4) “é importante compreender a constante reconstituição desses povos pela elaboração de novos processos identitários ao longo da história brasileira, como estratégia de sobrevivência dos grupos étnicos remanescentes ante o processo colonizador”. De acordo com Woodward (2014, p. 4) “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”.

Identificamos a partir do que foi exposto acima, que os povos indígenas, reafirmam suas identidades silenciadas ao longo da história, buscando-as no passado, o que ao fazê-lo constroem novas identidades, uma vez que, a identidade não é algo fixo, ela é dinâmica, se adapta de acordo com tempo e situações do sujeito estabelecido, no caso os indígenas, fazendo com que haja uma ressignificação identitária.

Para Costa (2021, p. 27):

A identidade étnica é a resistência dos povos indígenas, defendendo a sua existência. Eles viram a necessidade de ressurgir para mostrar que ainda fazem parte da composição do povo brasileiro, que estão presentes nas aldeias e cidades, que eles são atores de sua história e que estão vivos não somente no folclore brasileiro, com uma imagem estereotipada como a mídia, os livros didáticos e as antigas narrativas apresentavam.

A resistência foi a maneira encontrada pelos povos quase extintos, e suas manifestações culturais são as ressignificações que os mesmos dão para afirmar suas identidades. Neste contexto, compreendemos que os Jogos Interculturais Indígenas das comunidades da cidade de Tefé (AM), também são uma forma de resistência e protagonismo.

2.2 Narrativas dos jovens da Barreira sobre os Jogos Interculturais e (Re)Afirmação étnica.

A história indígena na cidade de Tefé é um campo de estudo a ser explorado. Assim, a proposta de investigar as narrativas dos jovens moradores da Barreira, surgiu a partir das entrevistas realizadas com seu Manuel Ribeiro da Silva em um projeto de extensão do CEST-UEA²⁰. Ele nos trouxe a problemática de que os jovens e as crianças residentes na região, no geral, desconhecem a presença, importância e a diversidade dessas comunidades indígenas. Muito menos o histórico de lutas pela terra, saúde e educação de qualidade.

Este, com sua experiência de antigo Tuxaua da comunidade, possui a preocupação que estas histórias, não sejam esquecidas. Ele destaca em suas narrativas o desconhecimento e a falta de interesse dos jovens indígenas moradores da Barreira da Missão no que diz respeito a sua própria história de luta e identidade.

Nós lutemo, os que já morreram já lutaram, já deixaram alguma coisa pros netos deles né, e eu ainda fiquei e ainda to existindo por causa disso. E eu senti muito porque a gente não se alembro de fazer nosso histórico antes disso né. Mas eu vou fazer um histórico embora que num saía todo como foi por causa que agente num decora tudo não né, mas um bucado eu vou fazer, porque aqui nós fumo perseguido muito por causa dessa terra.

Eu falei: nós tem de fazer uma reunião chamar junto todas as quatro aldeia que tem aqui, conversar com o povo, convidar, pros pais de família levar seus filho né? Pra reunião. Que pra poder agente contar, pra poder eles saber a dificuldade que nós tivemos pra conseguir essa terra. Hoje eles tão aqui avançado bem a vontade [...] ninguém num conversamos com eles [...] isso nós combinamos mas nunca chegou o dia. Meu dever eu fiz como representante, combinamos mas nenhum disse “rapaz rumbora” [...] eles

²⁰ Projeto intitulado “Ensino de história e cartilha artesanal: conhecimentos tradicionais do povo Mayoruna da Aldeia do Marajaí Alvarães/AM em perspectiva” que tinha como objetivo produzir uma cartilha artesanal sobre os conhecimentos da Aldeia do Marajaí, da etnia Mayoruna, a partir de oficinas de escrita e desenho com a participação de estudantes e professores da Escola Municipal Indígena Nossa Senhora de Nazaré, 2020.

tão aí esses grandão, eles num sabe o sofrimento que nos tivemos, eles num sabe porque que essa terra aqui ta de graça pra todo mundo. (09/12/2021).

Primeiramente, seu Manuel valoriza suas lutas e de seus antepassados, compreendendo a necessidade de ensinar aos mais jovens o caminho trilhado até a legitimação da terra que atualmente vivem, para que estes possam também valorizar. Em seguida ele coloca como isso poderia ser feito, de forma que viesse envolver toda comunidade para discutirem problemáticas e soluções que diz respeito a todos. Entretanto, não é o que acontece, pela falta de interesse por parte da maioria, principalmente os mais jovens.

Partindo dessa problemática e considerando a importância da juventude no processo de continuidade de existência dos povos indígenas e a (re)afirmação identitária e fortalecimento cultural indígena, investigamos o pensamento de alguns dos jovens competidores do evento sobre a importância dos jogos interculturais indígenas como instrumento de valorização cultural e reafirmação identitária.

Para isso, entrevistamos 08 jovens competidores dos jogos, residentes da Barreira da Missão, são eles em suas respectivas modalidades: Daniel de Souza Tinoco, 26 anos, Cocama (Arco e Flecha e Briga de galo), Joquias Marciel Cordeiro, 17 anos, Cocama (Salto à distância, corrida de 100 metros, Futebol e Cabo de Guerra), Letícia Monteiro Cordeiro, 15 anos, Cocama (Corrida de 50 metros, Futebol e arremesso de Lança), Rayson Nascimento Santos, 16 anos, Cocama (Corrida, Futebol, Cabo de Guerra e Queimada), Marcelo Nascimento da Silva, 24 anos, Cocama (Coordenador geral de todas as modalidades), Juliane Vale Ferreira, 18 anos, Cambeba (Índia mais Bela, Queimada, Casal Guerreiro e Cabo de Guerra), Wellington Bryan da Silva dos Santos, 14 anos, Cambeba (Futebol e Queimada) e Elkiane Ramos Medeiros, 16 anos, Cambeba (Zarabatana e Cabo de Guerra).

Assim, foram levantados questionamentos como: “O que significa ser indígena pra você?” “O que você sabe sobre a história da sua comunidade, sobre os moradores mais antigos, ou o que você aprendeu na escola?” “Você acha que essa atividade (modalidade específica) contribui para valorizar a cultura indígena?” dentre outras.

Refletir sobre a questão “da reafirmação da identidade indígena como elemento propulsor de resistência” (LIMA, 2012, p. 1) e fortalecimento da cultura, é olhar para os jovens e buscar entender de que forma eles veem isso dentro de suas comunidades, uma vez que estes são e serão a geração responsável em manter os direitos até aqui conquistados. Assim, perguntar o que significa ser indígena para estes sujeitos é um dos primeiros caminhos para investigar o que Lôbo e Nascimento (2012) chamam de tomada de consciência.

Nesse sentido, tivemos:

Ser indígena pra mim é ter o orgulho de preservar a Amazônia, seu sangue que está na minha veia, preservar nossa cultura, nossa identidade, tradição e ser parte dessa natureza do Amazonas né, é bem gratificante pra mim ser daqui da Amazônia, e é isso (Juliane Vale Ferreira, de 18 anos, da etnia Cambeba: 18/10/22).

Indígena é a pessoa, tipo a gente ser livre né aqui, que a gente quiser fazer a gente faz né, é que pesca assim, sobrevive com isso, praticar sua cultura, é isso aí (Daniel de Souza Tinoco, 26 anos, etnia Cocama: 18/10/22).

Indígena? Ai fica a pergunta né, o que é ser indígena? Muitas das vezes a gente dentro da sala de aula a gente tem um professor específico que ele, ele tenta explicar isso para gente né, ai ele pergunta sabe o que é ser indígena né, ai muitas das vezes a gente não sabe o que ser indígena né, porque as pessoas falam, não porque ser indígena é vou colocar um cocar, vou me pintar aqui eu sou já indígena né, mas não, a gente também, nós indígenas a gente tem que valorizar o que a gente é, tem que ter orgulho e tem que ter consciência daquilo que a gente é né, ter no sangue também que a gente é indígena (Elkiane Ramos Medeiros, 16 anos, etnia Cambeba: 18/10/22).

A partir das narrativas dos jovens é perceptível que uns estão mais conscientes ao se ver como indígena e a importância do seu papel ao assim de declarar. A primeira fala acima, ressalta o orgulho de ser indígena e a dimensão que isso representa com relação a região Amazônica. Ser indígena para Juliane, é ser parte da natureza, está conectado com o ambiente que vivem, por isso se faz tão necessário a preservação da Floresta, assim como suas tradições e cultura.

Na segunda fala, Daniel Tinoco ressalta a liberdade em praticar seus hábitos diários que segundo que o identifica como indígena, sem se preocupar com restrições externas a comunidade, ou até mesmo com julgamento de culturas que se consideram superiores.

Na terceira fala se evidencia um pensamento mais engajado e reflexivo quanto ao se ver como indígena, ou seja, trazendo a afirmação de que a maioria dos jovens indígenas não sabem o que é ser indígena ao invés disso, reproduzem a ideia estereotipada que associa a identidade indígena com aparência e acessórios representativos da cultura. Em seguida, Elkiane ressalta a importância de não apenas ter consciência, mas dar valor e orgulhar-se da identidade indígena e que ter o sangue indígena correndo em suas veias é fator de orgulho.

Esse pensamento, remete aos direitos conquistados com a constituição de 1988, que despertou um sentimento de orgulho em ser indígena. Sobre isso, Luciano (2006, p.38-39) salienta que:

Ser índio passou de uma generalidade social para uma expressão sociocultural importante do país. Ser índio não está mais associado a um estágio de vida, mas à qualidade, à riqueza e a espiritualidade de vida. Ser tratado como sujeito de direito na sociedade é um marco na história indígena brasileira, propulsor de muitas conquistas políticas, culturais, econômicas e sociais.

Conforme descrito a cima, a partir desse momento, surge um novo olhar sobre os povos indígenas, passando a serem notados por suas especificidades manifestadas no âmbito político, econômico, social e cultural. Estes emergem com orgulho de sua identidade conquistada ao longo dos anos, as muitas etnias existentes passaram a expressar suas singularidades, rompendo com o silêncio histórico e gerando resultados positivos na busca de seus interesses. Nesse contexto, foi emergente o reconhecimento identitário para conseguir seus direitos na Sociedade.

Com a ideia de que é necessário ter ciência do passado para fortalecer a identidade e a cultura, atualmente percebemos que a maioria dos jovens não possui conhecimento sobre a história do seu povo e da comunidade, e que a falta de interesse em buscar saber também se faz presente. Isso se evidencia quando lançamos a seguinte pergunta para eles “o que você sabe sobre a história da sua comunidade, sobre os moradores mais antigos ou o que você aprendeu na escola?”

Isso aí eu não procuro saber não eu, sei, não manjo muito não esse negócio aí (Joquias Marciel Cordeiro, 17 anos, Cocama: 18/10/22).

Não, ainda não escutei (Letícia Monteiro Cordeiro, 15 anos, Cocama: 18/10/22).

Nas falas a cima, percebemos um desconhecimento no que diz respeito a história de vida da comunidade. Essa situação se deve à falta de interesse da maioria dos jovens que não conseguem enxergar vantagens nesta ação, o desinteresse também pode ser percebido por parte dos mais velhos (família, tuxaua, escola) em não se empenhar de forma mais engajada nesse objetivo.

Lá em casa tem muitas coisas que o papai fala assim, tempos antigos, assim dessas coisas, dos trabalhos, das pescas, tem um tempo assim que dá muito peixe, outros não (Rayson Nascimento Santos, 16 anos Cocama).

Na fala de Rayson já percebemos uma troca de conhecimento cultural no âmbito familiar, demonstrado na atitude de seus pais e avós em contar histórias de suas memórias significativas, como a labuta diária.

Eu sei sobre o meu avô né, sobre meu bisavô e bisavó que vieram pra cá, é o seu Manuel e a dona Raimunda, que já faleceram né, eles vieram pra cá em meados de 1882 se não me engano, chegaram aqui e eles ajudaram a reivindicar essa terra junto com a antropóloga Priscila que na época dava esse apoio a nós, e assim conseguiram

demarcar a terra do povo indígena né (Juliane Vale Ferreira, de 18 anos, da etnia Cambeba: 18/10/22).

Só na comunidade mesmo, das histórias contadas sobre o seu Manuel a dona Raimunda e ajuda que eles tiveram para demarcar a terra para nós termos e hoje é certo que eles conseguiram, e é isso (Wellington Bryan da Silva dos Santos, 14 anos, Cambeba: 18/10/22).

Nas duas últimas falas, é perceptível um conhecimento maior com relação à comunidade, e também demonstra mais interesse por parte dos jovens e da família em se aprofundar na história de lutas, entendendo que seus antepassados contribuíram para que atualmente os mesmos vivessem com conforto e segurança. Por isso, procurar preservar isso é uma forma de reconhecimento e gratidão e, principalmente, de respeito indígena.

Com base nas repostas apresentadas é possível perceber a distinção entre a consciência dos jovens quanto a valorização de sua história e cultura, assim como a percepção que o jovem tem de si mesmo, e do mundo à sua volta. Lôbo e Nascimento (2012) falam que estes sujeitos são espelhos do contexto social, seguindo esse pensamento, observamos que a diversidade étnica dentro da comunidade promove uma distinção entre se identificar como indígena e a falta de percepção da mesma.

Woodword (2014) no que chama de “cultura e significado” fala da representação, ressaltando o importante papel da cultura na produção de significados que transpõe todas as relações sociais, nos remete a questão da identificação. Com relação à juventude indígena é notável essa preocupação e também os fatores que em suas visões os fazem ser identificados como indígenas, como aprender a língua, pois quando questionados sobre a importância de saber sua língua materna as respostas foram:

Ela é importante sim, é importante a gente ter a linguagem da gente (Daniel de Souza Tinoco, 26 anos, etnia Cocama: 18/10/22).

Sim é importante aprender, porque a gente pode estudar, gente pode assim terminar o estudo, depois correr atrás duma, dum, é tipo, assim o professor de aula de bilíngue, e é isso. Aí fala que na Barreira pode ter (Letícia Monteiro Cordeiro, 15 anos, Cocama: 18/10/22).

[...] importante aprender assim, pra quando perguntar e a gente for lá por fora, perguntar se a gente é índio, falar a língua da gente, falar sim (Rayson Nascimento Santos, 16 anos Cocama).

Na primeira fala, Daniel afirma ser importante estudar a língua do seu povo, porém não desenvolveu o argumento. Já na segunda fala, Letícia compreende a importância voltada para o ato de aprender e de ensinar, ou seja, adquirir o conhecimento especializado para trazer de

volta a comunidade como forma de ganho profissional. Na terceira e última fala, Rayson chama atenção para a representatividade e a afirmação identitária dentro e fora da comunidade.

A linguagem é de suma importância no processo de construção da identidade cultural, uma vez que ela se institui como espaço simbólico de identificação. De acordo com Santana (2012, p. 49) “Sabe-se que a língua é um dos traços culturais adquiridos em virtude de um indivíduo integrar um dado grupo social ou comunidade linguística”.

Outro fator apresentado nas narrativas da juventude que em suas visões contribui na identificação como sendo parte da cultura e da identidade indígena, é a dança, fato percebido quando lançamos a seguinte pergunta “quais hábitos seus você acredita que faz parte da cultura indígena?” as respostas foram:

Eu gosto muito da dança né, eu adoro bastante a dança, tem os artesanatos também (Juliane Vale Ferreira, de 18 anos, da etnia Cambeba: 18/10/22).

É mais a dança também, a dança que tem na comunidade, e é isso (Wellington Bryan da Silva dos Santos, 14 anos, Cambeba: 18/10/22).

A dança né. A que mais falada foi a dança, então é a dança mesmo que é os hábitos que a gente tem na nossa comunidade, é a dança e as brincadeiras também do dia a dia também (Elkiane Ramos Medeiros, 16 anos, etnia Cambeba: 18/10/22).

Nas falas apresentadas dos jovens, percebemos que a dança é uma prática de representatividade na cultura dos mesmos, pois dentre as brincadeira, os artesanatos, ela se destaca como um ato prazeroso no meio da juventude. Nesse sentido, Macedo (2021, p.132) ressalta que estes:

[...] têm nas suas danças uma expressão viva da sua cultura, pelas quais fortalecem os laços de fraternidade enquanto coletividade. Por isso, tanto a dança do indiozinho como a do Curupira são realizadas, na maioria das vezes, de mãos dadas, como forma de expressar a importância de se manterem unidos. A dança para os Omágua/Kambeba, para além de ser um instrumento de afirmação étnica, é também uma estratégia utilizada para a reivindicação dos seus direitos

Percebemos que a dança é um fator não somente de expressão de crenças da cultura de determinada etnia, mas promove unidade e afirma a identidade dos participantes. Demonstra também, que hábitos passado das antigas gerações às atuais, apesar do processo das mudanças, fragmentação e adaptação que sofrem ao longo dos anos, não perderam sua essência, antes se ressignificam, expressando a cultura e (re)afirmando as identidades.

Isso é materializado nos jogos interculturais indígenas, onde os hábitos e costumes tradicionais se transformam em modalidades competitivas e apresentações de entretenimento. Quando questionados sobre quais hábitos diários os jovens consideram fazer parte da cultura

indígena, as respostas recorrentes foram: caçar, apanhar açaí, falar a língua e dançar (Anexo 1). Esses e outros hábitos apontado pelos jovens, fazem parte da programação dos jogos Interculturais Indígenas em Tefé.

Os jogos como instrumento de fortalecimento da cultura e da identidade indígena, se manifesta na juventude que compete, pois todos reconhecem que os jogos contribuem para esse processo, entretanto, a maioria encontra dificuldades ao justificar suas afirmativas. O que pode ser percebido nas respostas da seguinte pergunta “você acha que essa atividade (modalidade específica) contribui para valorizar a cultura indígena?”

Contribui sim (Daniel de Souza Tinoco, 26 anos, etnia Cocama: 18/10/22).

Pra mim sim né. Porque pra mim eu acho que venha mais vezes que eu possa participar, participar de outras modalidades e trazer a alegria pro nosso povo (Letícia Monteiro Cordeiro, 15 anos, Cocama: 18/10/22).

Nas falas apresentadas, percebemos o reconhecimento por parte dos jovens no que diz respeito a contribuição da prática de suas modalidades na valorização de sua cultura. Daniel não soube justificar tal afirmativa, já Letícia explica a importância na possibilidade de participação e transmissão de alegria ao público.

Sim. Conhecer outras culturas, apresentar a nossa (Juliane Vale Ferreira, de 18 anos, da etnia Cambeba: 18/10/22).

A resposta de Juliane quanto a pergunta mencionada acima, expressa a importância da prática de sua modalidade, na interculturalidade vivenciada no momento dos Jogos, pois tem a oportunidade de se expressar e também assistir as diferentes formas de expressão das demais etnias.

Sim bastante, pelo fato de contribuir que a gente ser conhecido também né, lá no momento, a gente ser conhecido como indígena também e levar o nome da nossa comunidade mais além (Elkiane Ramos Medeiros, 16 anos, etnia Cambeba: 18/10/22).

Elkiane também identifica a importância em se sentir parte de uma contribuição no reconhecimento indígena para além de sua comunidade, pois quando participa tem a

oportunidade de representar todos os membros do seu povo, fazendo com que sejam reconhecidos por outras culturas através da prática por ela apresentada.

As falas acima corroboram o argumento de Almeida e Costa (2012, p. 2) quando dizem que esses jogos “representam uma forma de socialização de suas atividades esportivas e cerimoniais junto aos demais povos indígenas que também estão participando, bem como para os não indígenas que integram a coordenação do evento ou que assistem às competições”. É nítido que o sentimento é de competição, entretanto, a consciência em integrar e divulgar suas culturas, mesmo para as pessoas não indígenas se sobressai.

Apesar de todo um pensamento de propagação cultural, a vontade de competir e vencer também se faz presente na juventude indígena. Isso se explicita na fala de alguns, quando perguntamos como se sentem durante a apresentação. Rayson Nascimento Santos, jovem da etnia Cocama de 16 anos, nos respondeu assim “me sinto confiável né que eu vou ganhar assim, a vontade de ganhar”. Outro sentimento que surge durante as apresentações é o de representar sua cultura e a comunidade a qual pertence, como descrito na fala da jovem Juliane Vale Ferreira, de 18 anos da etnia Kambeba “eu me sinto orgulhosa de estar representando a minha aldeia, meu povo, a beleza indígena²¹ né”.

Para Almeida e Costa (2012, p. 6) as etnias indígenas participantes dos jogos,

Se reúnem para representações dos elementos culturais, como valores tradicionais, mitos manifestados geralmente em cerimoniais para agradecer aos seres sobrenaturais e festividades da puberdade feminina e masculina, dentre outras, com o objetivo de fertilidade, chuva, alimentação, saúde.

²¹ A fala de Juliane evidencia a importância de seu papel como jovem mulher indígena formosa, visto que a mesma compete na modalidade “índia mais bela”

Percebemos que o esporte não é a principal atração desse evento na comunidade, temos as danças, a grafia nos corpos, as indumentárias, os artesanatos, assim como outros que fazem parte dos jogos interculturais indígenas²².



Imagem 07. Dança do casal guerreiro.



Imagem 08. Ritual da moça nova.



Imagem 09. Exposição e vendas de artesanatos na Barreira de Cima.



Imagem 10. Exposição e vendas de artesanatos na Barreira de Cima.

Fotos: Arquivo pessoal, 2022.

As duas primeiras imagens, mostram a apresentação da dança do casal guerreiro encenando a lenda que marca a história do povo Ticuna, e o ritual da Moça Nova, que segundo o professor bilíngue Ticuna Sílvio Almeida, “expressa a inegável capacidade de resistência, afirmação de sua identidade, por dança, música, grafismo”. E nas duas imagens de baixo, é possível perceber a exposição da produção artesanal durante os Jogos Interculturais Indígenas.

Neste contexto buscamos compreender qual era a visão da juventude indígena quanto à importância dos jogos para o processo de (re)afirmação e a (res)significação identitária. Neste

²² Os Jogos Interculturais Indígenas, acontece na Barreira envolvendo a participação de todas as quatro aldeias que compõe a comunidade: Barreira de cima, Barreira do meio, Betel e Barreira de Baixo.

sentindo perguntamos “quais as vantagens, ou coisas boas que você ver nesse evento dos Jogos Interculturais indígenas?”:

Ele traz a liberdade de expressão também, pelas roupas, tem as competições, as danças, que tem a liberdade se expressar por meio da dança, e também ele traz a união dos povos para todos participarem bem e não ter briga, e é isso (Wellington Bryan da Silva dos Santos, 14 anos, Cambeba: 18/10/22).

Na opinião de Wellington, os Jogos Interculturais Indígenas, promovem liberdade de expressão dando oportunidade para todos os presentes declarem o sentimento de alegria e união dos povos de forma criativa, manifestando o que tem de melhor em seus costumes de acordo com as regras estabelecidas pelo evento.

O que a gente ver de bom né, é que a gente conhece as outras culturas das outras pessoas também, a gente pode ver, que as vezes a gente não conhece né? Mas quando chega os Jogos Interculturais Indígenas a gente conhece também pessoas (Elkiane Ramos Medeiros, 16 anos, etnia Cambeba: 18/10/22).

Elkiane ressalta como fator importante no evento, a riqueza de conhecimento que acontece no momento, pois são atraídos para dentro da aldeia uma diversidade de pessoas que possibilita interação não somente com indivíduos, mas também com culturas distintas.

É muito bom a união que a gente tem na comunidade, a comunidade apoia a pessoa que vai tá lá representando, dando apoio, incentivo né, e acho muito bom isso. E também conhecer outras culturas, e é isso (Juliane Vale Ferreira, de 18 anos, da etnia Cambeba: 18/10/22).

Para Juliane, os Jogos traduzem sua importância (além da troca de conhecimento cultural) na capacidade de promover unidade entre os povos, porque cada etnia promove uma pessoa para os representar no evento, mas isso é feito com uma corrente de apoio e de forma organizada, sendo que cada membro é responsável por uma função para que o representante escolhido exerça seu papel com êxito.

Com base nessas e nas demais narrativas podemos afirmar que o fator principal que a juventude identifica nos Jogos Interculturais Indígenas é a interação entre as culturas existentes, entre as etnias que se localizam na proximidade de Tefé. Estes fatores elencados acima vão de encontro com a fala de Terena (2009, p. 20) que demonstra que:

Os jogos dos povos indígenas surgiram das reivindicações das comunidades indígenas pela formulação de políticas públicas socioculturais e esportivas. Cobravam ações efetivas do governo e da sociedade civil organizada para valorização e divulgação das manifestações de sua cultura, como a preparação de seus enfeites, plumários, desenhos, pinturas corporais, danças, cantos, instrumentos musicais e esportes tradicionais. A ideia não era somente mostrar esses elementos a toda sociedade, mas também aproximar as mais de 200 etnias indígenas existentes no Brasil.

A prática dos jogos para as comunidades indígenas traduz um sentimento de coletividade, solidariedade, união e fortalecimento. Na aproximação que os jogos promovem nas comunidades indígenas situadas em Tefé, em especial na Barreira da Missão, não é diferente e a fala da juventude demonstra isso.

Os Jogos Interculturais Indígenas atualmente estão em sua 5ª edição, perguntamos ao professor da Barreira de Baixo Jackson Kambeba, se o evento tem gerado resultados significativos no meio da juventude participante, o mesmo respondeu:

Olha, foi possível ver através da dança, do grafismo, das vestes deles, de nós povos indígenas, porque muitos, se ver ainda hoje, eles se retraem ao falar da própria identidade, eu não sei se é medo de bullying, não sei, até mesmo dentro da comunidade. Tem aluno aqui na escola que se tu perguntar se ele é indígena ele vai dizer que não, mesmo sendo beneficiado da saúde indígena, que é a luta dos povos indígenas, dos nossos ancestrais, eles não reconhecem os antigos, dessas lutas que tiveram, luta mesmo de tá três dias viajando por ai, passando fome, e ai eles não conhecem a própria história (18/10/22).

A partir da narrativa do professor podemos identificar os resultados significativos com a o conhecimento e a valorização da importância das práticas culturais no decorrer dos Jogos, pois é uma forma de expressão muitas vezes retraída até mesmo no cotidiano da comunidade, visto que muitos jovens ainda desconhecem as bases que firmam suas identidades. Porém, isso não significa que o evento não esteja gerando resultados significativos, pois com base nesta pesquisa, a cada edição os Jogos Indígenas se aperfeiçoam no contexto da comunidade, abrindo oportunidade e atraindo a participação do público jovem no evento.

Em outras palavras, os Jogos despertam na juventude o real significado de ser indígena por meio da aproximação com outras culturas, fato que empolga os jovens como visto em suas falas, uma vez que segundo ele, dentro da comunidade ainda se faz presente uma retração em falar de sua cultura e se ver como indígena, o que leva ao ato de se negar como tal, apesar de estar morando dentro da comunidade e se beneficiando dos direitos desses povos, conquistados por meio de lutas passadas.

Vamos compreender qual a visão de Marcelo Nascimento da Silva²³ sobre a importância que os Jogos Interculturais têm para a comunidade dizendo:

Eu participei como morador daqui né, e é importante porque essa questão dos jovens voltado para os povos ela traz um fortalecimento da cultura né, que nas outras gestões a gente não tinha esse olhar, tanto é que o plano de curso da disciplina de educação Física vinha modalidades do contexto que não é da realidade dos nossos alunos. Na gestão atual, a gente já ver esse olhar com mais atenção voltados para nossa cultura, e esse é um dos objetivos do projeto dos jogos interculturais, fazer essa interculturalidade, mas sem deixar de valorizar a cultura dos povos e fortalecer ainda mais.

[...]

É um evento que une todos os povos, porque não existe só um povo né, são várias as culturas também, e nesse dia eles se juntam, é aí trazendo muitas riquezas né, dos costumes, aí vem a questão das danças, a própria prática mesmo das modalidades a gente ver essa parceria, uma união. É uma forma de mostrar que existem ainda esses povos, eles ainda resistem a muitas coisas, e os jogos são uma forma de resistência.

[...]

Muitos dos jovens hoje em dia eles levam em consideração o lado competitivo apenas, ganhar e ganhar, eles não levam o lado da valorização mesmo da cultura, mas alguns a gente tenta ali semear né, na escola a gente entra com esse papel, mas é importante porque a gente sabe que o esporte ele traz vários benefícios, não só envolvendo as capacidades físicas, essas coisas toda, mas também é uma forma de tirar eles do mundo do alcoolismo, e esses jogos, como é um evento para mais de dois, três dias, são quatro dias, então é uma forma de eles estarem ali inseridos e ver. A gente descobre que existe jovens que tem talento, e o que falta mais é investimento, pessoas que olhem para eles para que eles possam ir além (18/10/22).

Podemos ver através de sua fala questões importantes e pontos positivos que a realização dos jogos produz. Em um primeiro momento ele ressalta o olhar mais atencioso para o contexto da comunidade indígena, que se traduz no esporte especificamente na disciplina Educação Física, demonstrando o uso de elementos do contexto da cultura dos jovens indígenas na educação, para que assim o processo de ensino e aprendizagem seja mais significativo dentro da comunidade. O mesmo ressalta que essa prática, promove a interculturalidade, e não deixa de valorizar a cultura indígena e seu fortalecimento.

Em seguida Marcelo segue sua fala enfatizando a união e a aproximação com outras culturas étnicas, assim como a importância que tem em propagar suas culturas por meio dos jogos para o público não indígena, passando a mensagem de que estes se fazem presentes e são

²³ Marcelo Nascimento da Silva: 24 anos, Professor de educação Física e Coordenador Geral de Todas as Modalidades, que em parceria com outros colegas promove o treinamento dos Jovens para os Jogos na comunidade Barreira da missão.

partes da sociedade brasileira e de Tefé, eles existem, e os jogos interculturais são uma forma de demonstrar isso.

Essa realidade se aproxima, em certa medida com as falas dos jovens colaboradores da pesquisa, demonstrando que a prática das modalidades da cultura indígena, o sentimento manifestado no momento, a vontade de vencer, tem envolvido os jovens nessa causa que se configura no reconhecimento étnico e valorização cultural, mesmo que por vezes, muitos não tenham consciência disso.

Entretanto, ressaltamos que os jogos de um modo geral, é um instrumento relevante para instigar a afirmação étnica e ainda contribui para diminuir os males que aflige os jovens indígenas, como a falta de perspectiva de trabalho, o alcoolismo – que vem aumentando com os tempos nas comunidades investigadas –, sendo uma forma de inseri-los e despertá-los para outras vivências que potencializa suas identidades, suas belezas e habilidades corporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou investigar o olhar dos jovens sobre suas identidades e cultura indígena expressada através dos jogos Interculturais Indígenas na Comunidade Barreira da Missão, Tefé AM. Por meio disso, entender que após anos de luta e protagonismo indígena, relevantes ações vêm sendo feitas, contribuindo para o fim do silenciamento histórico, buscando a valorização e o respeito da diversidade étnico cultural.

Constamos por meio das narrativas dos jovens entrevistados, que a realização dos Jogos Interculturais Indígenas na comunidade, contribui para que estes se identifiquem como parte da cultura indígena, pois segundo eles, esse sentimento se traduz quando expressam suas danças, seus grafismos, quando falam sua língua, quando usam seus adereços tradicionais, quando exercem qualquer outra atividade que remete seus antepassados.

Percebemos que a maioria dos jovens se reconhece como indígena, apesar de alguns não saberem justificar tal afirmativa. Também foi verificado na fala dos coordenadores, que os jogos foi uma da forma encontrada para inserir o jovem na prática para a valorização da cultura indígena e suas identidades, assim como tirá-los dos vícios que adentram a comunidade, incentivando a uma vida sustentável e saudável.

Os jogos são relevantes para a formação da identidade dos jovens indígenas, pois é o caminho para os tornar mais conscientes politicamente e ambientalmente, gerando consciência de sua própria humanidade. Essa é uma realidade a qual podemos dizer com base nessa pesquisa, ser manifestada a longo prazo, e vem sendo trabalhada no meio da juventude indígena da Barreira da Missão. Isso porque do total de 08 jovens entrevistados, apenas 04 demonstram ter consciência da sua identidade e a importância de seu papel dentro desse evento.

Embora esse ainda seja um percentual baixo frente o objetivo proposto pelos jogos, não significa que não esteja surtindo efeitos em sua realização anual, pois, apesar de 04 jovens não demonstrarem clareza em suas falas com relação a contribuição, suas participações, e o processo de afirmação identitária propiciado pelo evento, é possível perceber o reconhecimento que estes têm sobre a importância do evento para toda a comunidade.

Vimos que os jogos interculturais indígenas é um evento que atrai muitas pessoas, curiosos, admiradores, simpatizantes da causa, vindo de diferentes lugares, todos se unem para prestigiar e fazer parte desse momento único dentro da aldeia, e muitos tomam a causa e levam adiante. Dentre variadas formas de luta, os jogos interculturais indígenas vêm ganhando destaque como instrumento de afirmação étnica, cultural e identitária, na busca por seus direitos e legitimação ideológica.

Assim, os Jogos interculturais demonstrou ser relevante, um interesse de inovação por parte dos educadores, de políticos e a da sociedade em geral. Os jogos tornam-se elementos que contribui para a desconstrução dos estereótipos sobre os indígenas impregnados na sociedade brasileira, que geram preconceito e colocam esses sujeitos indígenas à sua margem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Giselly Antunes de. COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. **Jogos dos Povos Indígenas: Integração e Divulgação de Culturas**. Editorial connectionline n°8 (2012). Disponível em: www.univag.com.br acessado em:01/10/2022.

APEL, Lígia. **Semana dos povos indígenas: Alto lá, essa Terra é Nossa**. Racismo Ambiental, 2019. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/04/17/semana-dos-povos-indigenas-alto-la-essa-terra-e-nossa/>. Acessado em: 10/08/2022.

ARZÚ, Marta Casaús. **Guatemala: práticas sociais e discurso racista das elites**. In: TEUN A. van DIJK (orgs.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008, p.

203. BARTALOME, Donaldo; MACEDO, Lilia. **O racismo na era da globalização.** In: **IMBERNÓN, F.(org.). A educação no século XIX: os desafios do mundo imediato.** Porto Alegre, 2000

CAMARGO, Vera Regina Toledo, FERREIRA, Maria Beatriz Rocha, SIMON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Jogos Interculturais Indígenas: “o mais importante não é ganhar, mas celebrar e participar”** Portal de revistas da USP, (2010). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77200>. Acessado em: 25/09/2022.

CARIOCA, Cleimison Fernandes. RODRIGUES, Eubia Andrea. BILLACRES, Máximo Alfonso Rodrigues. 2022. **“Do Simples ao Complexo: a Metamorfose do Território Indígena das Barreiras das Missões no Município de Tefé-AM”**, International Journal of Development Research, 12, (08), 57863-57871.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A identidade denegada. Discutindo as representações e a autorrepresentação do caboclos da Amazônia.** Revista de antropologia, São Paulo, USP, 2013, v. 56 nº 2.

CHAVES, Quezia Martins et al. **Morre a Empresa Privada e Nasce a Comunidade: Memória e Territorialidade na Comunidade Indígena Projeto Mapi (Médio Solimões-AM).** 2018

CIMI. **I Encontro da Juventude Indígena de Tefé, 2022.** Disponível em: <https://cimi.org.br/2022/10/i-encontro-de-juventude-indigena-de-tefe/> Acessado em: 13/10/22.

COSTA, Vitor Mateus Daniel da. **Histórias e Territórios: O Lugar dos Nativos na Construção da Cidade de Tefé e os Assentamentos Indígenas.** Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Tefé. 2021.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: História, Direitos e Cidadania.** — 1a ed. — São Paulo: Claro Enigma, 2012.

FAULHABER, Priscila. **O lago dos Espelhos: Etnografia do Saber Sobre a Fronteira em Tefé/Amazonas.** – Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

FOLHA DE SÃO PAULO, Falas da Terra, 2021. Disponível em: <http://obind.eco.br/2021/04/18/folha-de-sao-paulo-daniel-munduruku-diz-que-a-palavra-indio-nega-quem-eles-sao-de-verdade/> Acessado em: 07/10/22.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco Ideias Equivocadas Sobre o Índio.** Revista ensaios e pesquisa em educação – 2016.2 / vol. 01.

GARFIELD, Seth. COLLEGE, Bowdoin. **As Raízes de Uma Planta Que Hoje é o Brasil: Os Índios e o Estado-Nação na Era Vargas**. Artigo recebido em 09/1998. Aprovado em 01/1999.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

LIMA, Deborah de Magalhães. **A Construção do Termo Cabloco: Sobre Estruturas e Representações Sociais no Meio Rural Amazônico**. In: Novos Cadernos NAEA vol 2, nº2, UFPA, Belém, 1999.

LIMA, Sônia Filiú Albuquerque. **Orgulho de Ser Índio? Reafirmação Identitária Indígena e Estereótipos Produzidos no Currículo Universitário, 2012**. Disponível em: <http://flasco.redelivre.org.br> . Acessado em 25/09/22.

LÔBO, Karla Rossana Gomes. NASCIMENTO, Verônica Salgueiro do. **Juventude e Identidade: Um Estudo Sobre a Construção Histórica de Pertencimento em Jovens PRODER- Universidade Federal do Ceará-Cariri, 2012**.

LUCIANO, Gersem dos S. **O Índio Brasileiro: O que Você Precisa Saber Sobre os Povos Indígenas no Brasil de Hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

MACEDO, Magiles de Souza. **Movimento, Educação Escolar Indígena e os Processos de (Re) afirmações dos Kambeba na região do Médio Solimões-AM**. UEA, Manaus, 2021.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Perguntas e respostas: conheça os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas**. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/53719-perguntas-e-respostas-conheca-os-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas>, Publicado em Quarta, 21 Outubro 2015 12:53. Acessado em: 02/10/2022.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. **A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios Para Professores de 1º e 2º Graus**. Brasília: MEC, p. 221-228, 1995.

OLIVEIRA, João Pacheco de. FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas**. Rio de Janeiro, 2008.

PACHECO, João de Oliveira. **A Viagem de Volta: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena**. 2º ed. Contra capa Livraria/LACED, 2004.

PINTO, Leila Mirtes Santos Magalhães (org.), GRANDO, Beleni Saléte (org.). **Brincar, Jogar, Viver: IX Jogos dos Povos Indígenas**./Cuiabá: Central de texto, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RESENDE, Ana Catarina Zema de. **Direitos e Autonomia Indígena no Brasil (1960-2010): Uma Análise Histórica à Luz da Teoria do Sistema-Mundo e do Pensamento Decolonial**. Brasília: UnB /Instituto de Ciências Humanas - Departamento de História, 2014.

SANTANA, Joelton Duarte de. **Língua, Cultura e Identidade: A Língua Portuguesa Como Espaço Simbólico de Identificação no Documentário: Língua – Vidas em Português / Language, Culture And Identity: The Portuguese Language as a Symbolic Identification Space on Documentary: Language – Lives in Portuguese**. Linha d'Água, n. 25 (1), p. 47-66, 2012.

SILVA, Eduardo Gomes da Filho. **A Amazônia e o Plano de Integração Nacional: Os Projetos de Expansão e o Avanço do Capital nas Sociedades Tradicionais**. Revista Tempo Amazônico, 2016.

SILVA, Francisca Cardoso da. **Da afirmação Étnica à Luta Pela Garantia da Terra: A História de Luta do Povo Indígena Kokama, Aldeia Porto Praia de Baixo, Município de Tefé- Amazonas**, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SANTOS, Raimundo Nonato Freitas. **Do Lugar e Representação: Um Estudo Sobre o Bairro do Abial no Município de Tefé/AM – Manaus: UFAM, 2012**.

SOUZA, Adenildo Vieira de. SOARES, Artemis de Araujo. **Jogos Indígenas de Manaus: Disputa de Provas Tradicionais no Meio Urbano**. EFDesportes.com, Revista Digital. Nº180, Buenos Aires, 2013. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd180/jogos-indigenas-de-manaus.htm>. Acessado em: 06/10/2022.

TRINIDAD, Carlos Benítez. **De Propaganda Desenvolvimentista a Reclamo de Liberdade: O Uso Político da Questão Indígena Durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil**. Americanía: Revista de Estudios Latinoamericanos, Sevilla, n. 9, p. 274-310, 2019.

VAZ FILHO, Florêncio A. **A Emergência Étnica de Povos Indígenas no Baixo Rio Tapajós, Amazônia**. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Universidade Federal da Bahia, Salvador.

WIESSMANN, Lisette. **Multiculturalidade, Transculturalidade, Interculturalidade**. Revista Construção Psicopedagógica, 2018. p. 21-36.

Anexos

1. Entrevistas

Roteiro de Entrevista

Identificação do entrevistado (a):

Nome: Daniel de Souza Tinoco

Idade: 26 anos

Município/Comunidade: Barreira da Missão/Tefé-AM

Etnia: Cocama

Perguntas:

1. Você se considera indígena? E o que é ser indígena para você?

Sim senhora. Indígena é a pessoa, tipo a gente ser livre né aqui, que a gente quiser fazer a gente faz né, é que pesca assim, sobrevive com isso, praticar sua cultura, é isso aí.

2. Onde você nasceu? E seus pais?

Eu não nasci aqui, mas eu sou daqui, cresci aqui. Meus pais vivi aqui na comunidade.

3. O que você sabe sobre a história da sua comunidade, sobre os moradores mais antigos, ou o que você aprendeu na escola?

A gente aprendeu porque já vem trazendo as tipo as culturas assim desde lá. A gente aprendeu isso com eles, com os pais, falando.

4. Você sabe que mora numa terra demarcada como território indígena? O que isso significa para você?

Isso. É assim, terra indígena assim que a gente mora numa, tipo um conjunto assim de terra né, aí ninguém pode entrar pra lá e ninguém pode passar pra lá, acho que é assim, ninguém pode meter a mão, tá demarcado, é isso.

5. Você estuda a língua do seu povo? Por que é importante?

Eu estudei, aqui, aqui na escola mesmo. Ela é importante sim, é importante a gente ter a linguagem da gente.

6. Quais hábitos seus você acredita que faz parte da cultura indígena?

É tipo a dança que a gente faz aqui, a nossa dança e, também ir pra roça, caçar, tem muitas coisa que o cara faz né.

7. Você participa dos Jogos Interculturais Indígenas em qual modalidade?

Eu participei ano passado foi no arco e flecha, esse ano aqui foi no briga de galo.

8. Quando você começou a participar? Você pratica essa modalidade fora dos jogos?

Eu comecei a praticar faz muito tempão já, já faz uns quatro, cinco, seis anos por ai. Desde quando começou os jogos, mas a gente já vem praticando isso ai, a, desde quase a infância. Isso é fora mesmo, a gente pratica também.

9. Como é a preparação e a apresentação? Tem fotos?

É treino né, a gente se apresenta é fazendo né, praticando, é treinando em casa na escola também quando tiver aqui.

10. Como você se sente durante a apresentação?

A gente se sente com vontade de ganhar né, é tipo um nervosismo, mas passa, ansioso.

11. Você acha que essa atividade contribui para valorizar a cultura indígena?

Contribui sim.

12. O que você percebe que precisa melhorar na sua vida e na comunidade?

Tem que melhorar muitas coisas, é tipo assim, é melhora mais né, a gente praticar mais né os esportes, tem muita gente que tá desprezando os esportes, tem que praticar né.

13. Quais as vantagens, ou coisas boas que você ver nesse evento dos Jogos Interculturais indígenas?

É bom que a gente ver as outras tribos vindo, é muito bonito.

Roteiro de Entrevista**Identificação do entrevistado (a):**

Nome: Joquias Marciel Cordeiro

Idade: 17 anos

Município/Comunidade: Barreira da Missão/Tefé-AM

Etnia: Cocama

Perguntas:**1. Você se considera indígena? E o que é ser indígena para você?**

Sim. É legal, a gente se diverte por ai, sai por outras comunidades, passeia, conhece pessoas novas quando chega aqui.

2. Onde você nasceu? E seus pais?

Eu nasci na Barreirinha. Minha mãe morou com meu avô numa comunidade ali pra cima, eles viajaram pra li, sei que eles vieram pra e me trouxeram pra cá, eu vim de lá com dois anos da Barreirinha.

3. O que você sabe sobre a história da sua comunidade, sobre os moradores mais antigos, ou o que você aprendeu na escola?

Isso aí eu não procuro saber não eu, sei, não manjo muito não esse negócio aí.

4. Você sabe que mora numa terra demarcada como território indígena? O que isso significa para você?

Anram. Sim é importante até demais.

5. Você estuda a língua do seu povo? Por que é importante?

Estudo com um professor ai de tarde. Sim é importante até demais.

6. Quais hábitos seus você acredita que faz parte da cultura indígena?

Participar das coisas pela escola pela comunidade, é pescar, caçar, apanhar açaí aqui pela frente.

7. Você participa dos Jogos Interculturais Indígenas em qual modalidade?

Esse ano que passou participei no salto à distância, corrida de 100 metros, futebol e cabo de guerra.

8. Quando você começou a participar? Você pratica essa modalidade fora dos jogos?

Tá com três anos parece. Eu comecei nos jogos já, na tora mesmo.

9. Como é a preparação e a apresentação? Tem fotos?

Está assim consciente né, não sentir nervoso de nada, aí a gente se apresenta aí. Eu não me apresento quando vou participar de alguma coisa.

10. Como você se sente durante a apresentação?

Dá um nervoso competir com os outros, são mais grandes do que eu, parece que num bate.

11. Você acha que essa atividade contribui para valorizar a cultura indígena?

Acho que sim.

12. O que você percebe que precisa melhorar na sua vida e na comunidade?

Por enquanto ainda tá né, na minha visão tá tudo legal, não sei na dos outros.

13. Quais as vantagens, ou coisas boas que você ver nesse evento dos Jogos Interculturais indígenas?

É bom também a gente participar junto, mas também comunidade fora, que fica sem participar, ai que chegava gente, porque ano passado sem ser esse daqui que passou, era menos comunidade, esse ano que veio, passou agora, chegou mais comunidade, ainda falta ainda participar mais.

Roteiro de Entrevista

Identificação do entrevistado (a):

Nome: Letícia Monteiro Cordeiro

Idade: 15 anos

Município/Comunidade: Barreira da Missão/Tefé-AM

Etnia: Cocama

Perguntas:

1. Você se considera indígena? E o que é ser indígena para você?

2. Onde você nasceu? E seus pais?

Manaus. Só meu pai mora aqui na comunidade, são separados.

3. O que você sabe sobre a história da sua comunidade, sobre os moradores mais antigos, ou o que você aprendeu na escola?

Não, ainda não escutei.

4. Você sabe que mora numa terra demarcada como território indígena? O que isso significa para você?

Sim. Pra mim significa, morar aqui é bom né que a gente pode ter tudo, não é um ar poluído, é ar puro, pra mim é isso.

5. Você estuda a língua do seu povo? Por que é importante?

Não. Eles tem (a escola) só que não estudo não. Sim é importante aprender, porque a gente pode estudar, gente pode assim terminar o estudo, depois correr atrás duma, dum, é tipo, assim o professor de aula de bilíngue, e é isso. Ai fala que na Barreira pode ter.

6. Quais hábitos seus você acredita que faz parte da cultura indígena?

Eu? Nada. Sobre a cultura não. Não saio muito não, vivo mais na cidade, não sei muita coisa não.

7. Você participa dos Jogos Interculturais Indígenas em qual modalidade?

Participei. Corrida de 50 metros, futebol e arremesso de lança.

8. Quando você começou a participar? Você pratica essa modalidade fora dos jogos?

Já vinha participando, e participei agora de novo, acho que foi só duas vezes ainda.

9. Como é a preparação e a apresentação? Tem fotos?

Eu me preparo, tem professor que treina a gente, eu fui, eu fui, a primeira colocada do arremesso de lança, treinei bastante e consegui.

10. Como você se sente durante a apresentação?

Um pouco com vergonha mas estou lá, mas gostei é legal, participei, e é isso.

11. Você acha que essa atividade contribui para valorizar a cultura indígena?

Pra mim sim né. Porque pra mim eu acho que venha mais vezes que eu possa participar, participar de outras modalidades e trazer a alegria pro nosso povo.

12. O que você percebe que precisa melhorar na sua vida e na comunidade?

Eu acho que pra mim tá normal.

13. Quais as vantagens, ou coisas boas que você ver nesse evento dos Jogos Interculturais indígenas?

Muita gente, muito movimento, muita alegria entre os povos.

Roteiro de Entrevista

Identificação do entrevistado (a):

Nome: Rayson Nascimento Santos

Idade: 16 anos

Município/Comunidade: Barreira da Missão/Tefé-AM

Etnia: Cocama

Perguntas:

1. Você se considera indígena? E o que é ser indígena para você?

Sim. É muita coisa né, é pescar, ir pra roça, coisas que a gente faz né.

2. Onde você nasceu? E seus pais?

Nasci na Barreirinha, mas moro aqui na comunidade. Meus pais moram aqui.

3. O que você sabe sobre a história da sua comunidade, sobre os moradores mais antigos, ou o que você aprendeu na escola?

Lá em casa tem muitas coisas que o papai fala assim, tempos antigos, assim dessas coisas, dos trabalhos, das pescas, tem um tempo assim que dá muito peixe, outros não.

4. Você sabe que mora numa terra demarcada como território indígena? O que isso significa para você?

Não.

5. Você estuda a língua do seu povo? Por que é importante?

Não. Mas importante aprender assim, pra quando perguntar e a gente for lá por fora, perguntar se a gente é índio, falar a língua da gente, falar sim.

6. Quais hábitos seus você acredita que faz parte da cultura indígena?

Eu não saio muito de casa.

7. Você participa dos Jogos Interculturais Indígenas em qual modalidade?

Participo em corrida, futebol, cabo de guerra e queimada.

8. Quando você começou a participar? Você pratica essa modalidade fora dos jogos?

Nos dois últimos. Praticava assim em treino só, correndo na rua assim, no campo.

9. Como é a preparação e a apresentação? Tem fotos?

Eu treino, tenho professor de Educação Física pra treinar, preparar o preparo físico

10. Como você se sente durante a apresentação?

Me sinto confiável né que eu vou ganhar assim, a vontade de ganhar.

11. Você acha que essa atividade contribui para valorizar a cultura indígena?

Sim.

12. O que você percebe que precisa melhorar na sua vida e na comunidade?

Pra mim não tem nada na comunidade

13. Quais as vantagens, ou coisas boas que você ver nesse evento dos Jogos Interculturais indígenas?

Eu vejo assim as outras etnias chegando assim, gente de fora, pessoal que vem aqui apresentar os jogos, todo mundo junto, a gente se sente como colega chega e vem conhecendo.

Roteiro de Entrevista

Identificação do entrevistado (a):

Nome: Juliane Vale Ferreira

Idade: 18 anos

Município/Comunidade: Barreira da Missão (Betel)/Tefé-AM

Etnia: Cambeba

Perguntas:

1. Você se considera indígena? E o que é ser indígena para você?

Sim. Ser indígena pra mim é ter o orgulho de preservar a Amazônia, seu sangue que está na minha veia, preservar nossa cultura, nossa identidade, tradição e ser parte dessa natureza do Amazonas né, é bem gratificante pra mim ser daqui da Amazônia, e é isso.

2. Onde você nasceu (você nasceu aqui mesma na comunidade)? E seus pais?

Sim. São daqui mesmo.

3. O que você sabe sobre a história da sua comunidade, sobre os moradores mais antigos, ou o que você aprendeu na escola?

Eu sei sobre o meu avô né, sobre meu bisavô e bisavó que vieram pra cá, é o seu Manuel e a dona Raimunda, que já faleceram né, eles vieram pra cá em meados de 1882 se não me engano, chegaram aqui e eles ajudaram a reivindicar essa terra junto com a

antropóloga Priscila que na época dava esse apoio a nós, e assim conseguiram demarcar a terra do povo indígena né.

4. Você sabe que mora numa terra demarcada como território indígena? O que isso significa para você?

Sim. Isso significa pra mim, é nessa época, a pessoa que deu esse apoio pra nós para demarcar essa terra, que tem os direitos a isso, então, nesse ponto a pessoa teve a importância de nos olhar, dá esse direito a nós de demarcar a terra como povos, porque isso é muito importante, porque o que nós tivemos, muitos povos não tem, esse privilégio de ter as terras demarcadas, não ter onde morar, até tem onde morar mas as pessoas expulsam né onde os indígenas moram, aí por causa disso é um privilégio pra mim.

5. Você estuda a língua do seu povo? Por que é importante?

Atualmente a gente não está estudando, mas acho importante estudar.

6. Quais hábitos seus você acredita que faz parte da cultura indígena?

Eu gosto muito da dança né, eu adoro bastante a dança, tem os artesanatos também.

7. Você participa dos Jogos Interculturais Indígenas em qual modalidade?

Eu participo na índia mais bela né, casal guerreiro, eu participo também do cabo de guerra, é queimada, é isso.

8. Quando você começou a participar? Você pratica essa modalidade fora dos jogos?

A partir da segunda edição. Aqui na comunidade a gente sempre pratica a dança, já os jogos é mais como elementos próprios mesmo, quando chega a época de ter os jogos.

9. Como é a preparação e a apresentação? Tem fotos?

Na minha apresentação a gente começa é organizando, assim os passos, nas outras modalidades a gente começa a ensaiar, treinar com os professores aqui na escola.

10. Como você se sente durante a apresentação?

Eu me sinto orgulhosa de esta representando a minha aldeia, meu povo, a beleza indígena né.

11. Você acha que essa atividade contribui para valorizar a cultura indígena?

Sim. Conhecer outras culturas, apresentar a nossa.

12. O que você percebe que precisa melhorar na sua vida e na comunidade?

A gente precisa melhorar, como a gente não está tendo aula bilíngue né, a gente precisa melhorar nisso, porque nos textos dos nossos, como eu também não conheço muito bem, ir afundo de falar a ponto de falar um cotidiano mais afundo, eu não conheço muito bem algumas palavras, então isso vai diminuindo, falar a língua materna é muito importante para mim. Então isso deveria melhorar, assim também como saber fazer os nossos artesanatos, o tipiti a peneira e é isso.

13. Quais as vantagens, ou coisas boas que você ver nesse evento dos Jogos Interculturais indígenas?

É muito bom a união que a gente tem na comunidade, a comunidade apoiar a pessoa que vai tá lá representando, dando apoio, incentivo né, e acho muito bom isso. E também conhecer outras culturas, e é isso.

Roteiro de Entrevista

Identificação do entrevistado (a):

Nome: Wellington Bryan da Silva dos Santos

Idade: 14 anos

Município/Comunidade: Barreira da Missão/Tefé-AM

Etnia: Cambeba

Perguntas:

1. Você se considera indígena? E o que é ser indígena para você?

Sim. Ser indígena é eu ter como semblante, não só chegar e dizer eu sou índio mas sim ter as, como eu posso dizer, as, é o grafismo, é o cocar, o que representa o indígena e é isso.

2. Onde você nasceu (você nasceu aqui mesma na comunidade)? E seus pais?

Sim. Minha mãe mora aqui, meu pai veio do Marajaí pra Alvarães e ele veio trabalhar por aqui.

3. O que você sabe sobre a história da sua comunidade, sobre os moradores mais antigos, ou o que você aprendeu na escola?

Só na comunidade mesmo, das histórias contadas sobre o seu Manuel a dona Raimunda e ajuda que eles tiveram para demarcar a terra para nós termos e hoje é certo que eles conseguiram, e é isso.

4. Você sabe que mora numa terra demarcada como território indígena? O que isso significa para você?

Sim. Significa eu ter, é eu poder plantar aqui e ter o que é meu, e não vir ninguém de fora e tirar, dizer que não está demarca a terra, e eles conseguiram esse feito pra nós, e hoje temos nossas casas, as nossas plantações e dizer que é nosso.

5. Você estuda a língua do seu povo? Por que é importante?

Esses dias a aula parou, teve uns quatro dias de aula e não aconteceu mais nada, eu acho importante sim, me apresentar também na língua, conheço também algumas palavras, mas nada aprofundado nesse assunto.

6. Quais hábitos seus você acredita que faz parte da cultura indígena?

É mais a dança também, a dança que tem na comunidade, e é isso.

7. Você participa dos Jogos Interculturais Indígenas em qual modalidade?

Eu participo em futebol e queimada.

8. Quando você começou a participar? Você pratica essa modalidade fora dos jogos?

Eu acho que foi do terceiro ou segundo por ai, pratico desde criança.

9. Como é a preparação e a apresentação? Tem fotos?

Quando é para os jogos acontece os treinos na comunidade né, e cada professor ele fica responsável pra ensinar as regras, o que deve e não deve ser feito nas partidas.

10. Como você se sente durante a apresentação?

É bom, ainda bate um certo nervosismo, mas quando a gente vai correndo, a gente vai esquecendo isso.

11. Você acha que essa atividade contribui para valorizar a cultura indígena?

Sim, e a união também, não é só nós que participa, tem vários outros povos que vem de fora, e isso ajuda na união dos povos, cada comunidade traz seus times.

12. O que você percebe que precisa melhorar na sua vida e na comunidade?

Mais sobre a aula da língua Cambeba mesmo, é que deu uma parada, tem alguns dias, mas depois para e assim fica durante o ano.

13. Quais as vantagens, ou coisas boas que você ver nesse evento dos Jogos Interculturais indígenas?

Ele traz a liberdade de expressão também, pelas roupas, tem as competições, as danças, que tem a liberdade se expressar por meio da dança, e também ele traz a união dos povos para todos participarem bem e não ter briga, e é isso.

Roteiro de Entrevista

Identificação do entrevistado (a):

Nome: Elkiane Ramos Medeiro

Idade: 16 anos

Município/Comunidade: Barreira da Missão/Tefé-AM

Etnia: Cambeba

Perguntas:

1. Você se considera indígena? E o que é ser indígena para você?

Sim. Indígena? Ai fica a pergunta né, o que é ser indígena? Muitas das vezes a gente dentro da sala de aula agente tem um professor específico que ele, ele tenta explicar isso para gente né, ai ele pergunta sabe o que é ser indígena né, ai muitas das vezes a gente não sabe o que ser indígena né, porque as pessoas falam, não porque ser indígena é vou colocar um cocar, vou me pintar aqui eu sou já indígena né, mas não, a gente também, nós indígenas a gente tem que valorizar o que a gente é, tem que ter orgulho e tem que ter consciência daquilo que a gente é né, ter no sangue também que a gente é indígena

2. Onde você nasceu (você nasceu aqui mesma na comunidade)? E seus pais?

Sim. Minha mãe, antes ela morava na outra comunidade mas quando ela se casou com meu pai ela se mudou pra cá.

3. O que você sabe sobre a história da sua comunidade, sobre os moradores mais antigos, ou o que você aprendeu na escola?

Então. Como eles falaram né, que foi nossos avós que chegaram aqui primeiro né, eles chegaram aqui primeiro, ai eles fundaram essa comunidade e tiveram essa terra demarcada, e agora é isso.

4. Você sabe que mora numa terra demarcada como território indígena? O que isso significa para você?

Sim. O que significa pra mim é que nós somos privilegiados e honrados né, de ter uma terra demarcada que as pessoas lá de fora não podem entrar aqui e tirar o que é nosso.

5. Você estuda a língua do seu povo? Por que é importante?

No momento não, a gente parou. É muito importante, acho muito importante, a gente estudar a nossa língua indígena. Pelo fato de por exemplo quando a gente poder sair por ai de a gente poder se apresentar né, na nossa língua indígena né e tal, pras pessoas verem que nós somos indígenas mesmo.

6. Quais hábitos seus você acredita que faz parte da cultura indígena?

A dança né. A que mais falada foi a dança, então é a dança mesmo que é os hábitos que a gente tem na nossa comunidade, é a dança e as brincadeiras também do dia a dia também.

7. Você participa dos Jogos Interculturais Indígenas em qual modalidade?

Eu participo, atualmente eu participo da zarabatana e do cabo de guerra.

8. Quando você começou a participar? Você pratica essa modalidade fora dos jogos?

Desde a primeira edição que teve ai né da primeira vez que teve isso. Não, só nos jogos mesmo.

9. Como é a preparação e a apresentação? Tem fotos?

A nossa, antes dos jogos a gente o nosso, cada professor né, fica uma modalidade para orientar, pra gente quando chegar lá saber o que fazer né

10. Como você se sente durante a apresentação?

As vezes nervosa né, pela primeira vez eu fiquei bem nervosa, mas depois a gente vai perdendo o nervosismo a gente se sente honrado né de estar representando a nossa comunidade, também trazendo medalhas pra nossa comunidade né.

11. Você acha que essa atividade contribui para valorizar a cultura indígena?

Sim, bastante, pelo fato, de contribuir, que a gente ser conhecido também lá, no momento lá, ser conhecido como indígena também, e levar também o nome da nossa comunidade mais além.

12. O que você percebe que precisa melhorar na sua vida e na comunidade?

Na comunidade como a colega falou pelo fato de não tá tendo mais aulas, acho que isso deveria melhorar mais.

13. Quais as vantagens, ou coisas boas que você ver nesse evento dos Jogos Interculturais indígenas?

Nos Jogos Interculturais Indígenas o que a gente ver de bom né, assim é que a gente conhece as outras culturas das outras pessoas também que a gente pode ver, que as vezes a gente não conhece né, mas ai quando chega os jogos interculturais a gente conhece também pessoas, é isso.

2. Imagens

Festival Cultural de Tefé 2022



Jogos Interculturais Indígenas



